

## **CAPÍTULO 5 - A TRIUNIDADE DE DEUS**

Essa capítulo, que é peculiar ao cristianismo, sempre foi motivo de ataque de outras religiões pelas grandes dificuldades que apresenta e é um dos maiores mistérios da fé cristã. Contudo, a despeito de ser um assunto de difícil compreensão, justamente porque excede o nosso entendimento, ele merece ser estudado, porque as Escrituras nos fornecem dados importantes e alguns dos seus textos dão mostra inequívoca da existência de três pessoas num só ser.

Este capítulo não promete resolver todos os problemas relativos à Trindade, mas faz o esforço de analisar a maioria dos dados bíblicos que, de maneira próxima ou remota, tratam do Deus que subsiste em três pessoas.

Todavia, antes de tratarmos das três pessoas que subsistem em um só ser, temos que analisar a personalidade de Deus e a sua tripersonalidade.

### **A. O PROBLEMA DA PERSONALIDADE DIVINA**

Tanto religiões antigas, quanto as suas formas modernas (como a Nova Era) afirmam que Deus é uma "força" ou a "base de todos os seres", ou ainda uma espécie de "consciência planetária".

Por causa da influência das religiões orientais no mundo ocidental, o misticismo tem invadido alguns setores da igreja cristã.

Esse misticismo oriental tem ensinado que a matéria ou substância é Deus, que tudo é Deus, descartando qualquer ideia da existência de personalidade em Deus.

Deus é identificado com a natureza, não sendo independente ou separado dela.

Ele é simplesmente uma força inconsciente que opera no mundo, que é uma própria extensão do mesmo.

Um exemplo disso, é a ideia de que "Deus é amor e o amor é Deus".

A primeira parte é certa, porque as Escrituras a afirmam, mas a segunda parte está errada porque torna Deus um princípio impessoal que está espalhado pelo mundo.

Contra essas concepções impessoais de Deus, a fé cristã tem que afirmar a personalidade divina. Deus não é uma força impessoal, mas um ser personalizado que, de modo absolutamente singular, existe tripessoalmente.

Não somente o panteísmo, mas o deísmo também tem negado a personalidade de Deus no que tange ao seu aspecto relacional. Deus é distante do universo que criou. Não possui qualquer interferência no mundo que deu corda e colocou para funcionar. Contra essas ideias, o cristianismo tem que lutar, pois uma das grandes características de Deus é o fato de envolver-se com a criação e, principalmente, com os homens criados à sua imagem e semelhança.

## 1. CARACTERÍSTICAS DE UMA PERSONALIDADE

Nós não podemos dar uma definição exaustiva de personalidade aqui, mas podemos apontar algumas características da personalidade em geral que se aplicam perfeitamente a Deus.

Estudando os atributos de Deus, podemos perceber que Deus é um ser espiritual. Uma das características de um ser espiritual é a sua personalidade. Deus não é somente um ser pessoal, mas tripessoal. Contudo, há quatro coisas muito importantes que caracterizam a personalidade divina mas que não são exclusivas da mesma: autoconsciência, inteligência, autodeterminação e afeições.

### a. UMA PERSONALIDADE POSSUI AUTOCONSCIÊNCIA

Essa é a capacidade que uma pessoa tem de estar consciente de sua própria identidade, de saber quem ela é. É mais do que mera consciência.

Esta última um animal pode ter, isto é, ele possui consciência das coisas que estão ao seu redor, mas não possui a consciência de si próprio, ou seja, a autoconsciência. Esta, somente um ser pessoal a possui.

**Exôdo 3:13-14 Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.**

Esta resposta divina mostra a sua grande autoconsciência de maneira inequívoca.

Todos os espíritos racionais, que incluem anjos e homens, possuem a capacidade de saber da existência das coisas e, principalmente, da sua própria existência.

Há uma distinção importante entre consciência e autoconsciência.

Na consciência, o objeto é uma outra coisa ou ser que existe além do sujeito.

O objeto de conhecimento é distinto do sujeito.

### a. I. Comparação entre o Animal, o Ser Humano e Deus

Vejamos uma comparação entre o animal, o homem e Deus:

- 1) O animal tem uma espécie de consciência no sentido de ter percepção ou sensação das coisas que estão ao seu redor, sem distinguir exatamente o que ou quem elas são, embora possa estar familiarizado com elas. Todavia, um animal não possui consciência de si mesmo. Ele não sabe quem é, nem que existe. Ele pode ficar impressionado com os objetos que estão ao seu redor, que obviamente não fazem parte da sua essência, mas nunca fica impressionado consigo mesmo. Se você colocar o animal diante de um

espelho, ele não saberá que o que está vendo é ele mesmo. O animal nunca se contempla, mas é capaz de contemplar os outros, mesmo que não possa fazer as devidas distinções. A razão desse comportamento é o fato de que ele não é uma pessoa. Tem consciência das coisas ao seu redor, mas não possui autoconsciência.

Ele tem basicamente todos os órgãos para falar e cantar, como os homens, mas não possui a capacidade de autoconsciência para fazer essas coisas.

- 2) Um ser humano tem consciência no sentido de perceber, como o animal, as coisas que estão ao seu redor. A diferença entre ambos é que o homem é capaz de ver-se a si mesmo, de se contemplar e de saber que aquele que está refletido no espelho é ele próprio, e não alguma outra coisa que o impressiona. Diferentemente dos animais, o homem pode ter pensamentos espontâneos e sentimentos espontâneos, sem que precise exercitar sua mente ou suas emoções. Contudo, isso é consciência, não necessariamente autoconsciência. A autoconsciência é mais profunda do que a consciência. Todo homem sabe e tem consciência de que faz coisas erradas, mas somente quando o Espírito Santo o convence dos seus pecados é que ele passa a exercer a autoconsciência do que é e do que faz.
- 3) O Ser Divino, ao contrário dos animais, não possui a mesma espécie de consciência que Eles possuem. Deus já existia antes que houvesse alguma coisa que não Ele mesmo. Ele não precisa desse tipo de consciência para ser o que é. Deus não tem corpo, partes, nem é afetado por nada que não seja Ele próprio. Ele é auto-existente e independente de tudo o que há na criação, porque já era antes de ela vir a existir.

O Ser Divino, em contraste com os seres humanos, não possui a autoconsciência que provém da mera consciência, nem possui um processo mental irrefletido, como é próprio da mente humana.

Nada vem à sua mente de maneira irrefletida, espontânea, sem que tenha sido desejado e planejado por Ele. Em nós, pode haver uma distinção entre consciência e autoconsciência, mas não em Deus. Essas duas coisas são absolutamente unidas, e é difícil entender a autoconsciência em Deus em virtude de Sua natureza pessoal ser muito superior e mais complexa do que a nossa.

Por conseguinte, a autoconsciência em Deus é muito mais perfeita e tem um grau bem mais Elevado que nos homens ou nos anjos, que são os seres racionais criados.

É aqui que a doutrina da Trindade derrama algum tipo de luz sobre esse profundo mistério da autoconsciência divina. Deus é um ser tripessoal, sendo que as três pessoas compartilham da mesma essência divina.

A revelação das Escrituras mostra Deus como aquele que "é bendito eternamente", sendo absolutamente independente, tendo vida própria, possuindo todas as características de um ser pessoal, que vive relacionando-se.

Portanto, como tal, ele deve possuir todas as propriedades dentro de si mesmo, e não fora do seu próprio ser, porque ele já era antes de todas as outras coisas virem a ser. Ele nunca precisou do universo para poder relacionar-se.

Essa faculdade é encontrada dentro do seu próprio ser, que subsiste tripessoalmente. Ele não precisa conhecer a sua criação a fim de que possa ter um objeto para conhecer e amar, e com quem possa regozijar-se e ter comunhão.

Isso ele faz dentro do próprio ser divino.

Essa propriedade é impossível para o homem, que é unipessoal. A fim de que ele possa relacionar-se, amar e ter alegria, tem que haver uma outra pessoa. Por essa razão, Deus fez Eva para servir de auxiliadora para Adão.

Deus não precisava de ninguém para ser o que é.

Ele não precisa de ninguém além de si próprio.

Perceba como a autoconsciência em Deus é complexamente bela: o Pai "conhece o Filho" (Mt 11.27); ele "ama ao Filho" (Jo 3.35); o Filho foi gerado pelo Pai (Jo 1.18). Todas essas relações existem desde antes da criação do mundo. O próprio Filho encarnado, enquanto no estado de humilhação, pediu ao Pai que lhe restaurasse a glória que ele tivera junto do Pai, antes da fundação do mundo (Jo 17.5).

Houve um tempo (antes do tempo) quando a criação não existia.

Se Deus dependesse das coisas criadas para possuir a sua autoconsciência, Deus não seria "bendito eternamente", porque não poderia ter alegria, gozo e conhecimento de si mesmo. Mas Deus tem uma perfeita autoconsciência.

Antes mesmo que houvesse qualquer outra coisa além do ser divino, as pessoas da Trindade já se relacionavam, tendo amor uma pela outra e alegrando-se mutuamente.

Esta relação se dava dentro da essência divina. A autoconsciência divina é diferente e superior em Deus porque ele é independente de qualquer outro ser para relacionar-se. O ser humano precisa de outro ser para ter relacionamento e para poder se conhecer, mas Deus não. Ele é independente e tem um pleno autoconhecimento na interação da subsistência das três pessoas da mesma essência divina, que é numericamente uma e a mesma.

#### b. UMA PERSONALIDADE POSSUI INTELIGÊNCIA

Os animais possuem cérebros, mas estes carecem de uma função que somente os seres racionais possuem: a capacidade de relacionar as coisas, de estabelecer metas e atingi-las inteligentemente. Os animais não possuem a capacidade de associação e de interligar os fatos, como alguns seres humanos pretendem que os animais tenham. Não é difícil perceber a tendência contemporânea, nos filmes, nos desenhos animados e nos romances, de humanizar os animais e animalizar os homens. Vários estudiosos estão protegendo os animais (o que não é errado), mas não estão estudando os seres humanos como deviam. Esquecem-se de vê-los como seres feitos à imagem de Deus. Apenas brutalizam as suas tendências, esquecendo-se de que os seres humanos devem ser tratados com honra pelo fato de serem seres pessoais. Todavia, contra fatos não há argumentos. Por mais que estudiosos da sociologia ou de outras ciências insistam na tentativa de humanizar os animais, a inteligência dos seres humanos é uma das características da imagem de Deus neles. Logo, se eles refletem em alguma medida o Criador, este é um ser pessoal supremamente inteligente. A inteligência e o entendimento de Deus são infinitos, como se pode deduzir de inúmeros textos das Escrituras (Sl 147.5; veja também Is 40.12-14; Rm 11.33). A inteligência é típica de seres pessoais e os qualifica como tais. Assim são os anjos, os homens e o Criador de ambos.

#### e. UMA PERSONALIDADE POSSUI AUTODETERMINAÇÃO

Esta capacidade tem a ver não simplesmente com a elaboração inteligente de um plano, mas com a sua execução. É a capacidade de olhar para o futuro e preparar um curso inteligente de ação. Isso significa que esse ser pessoal tem a capacidade de decidir sobre o que quer fazer. Deus possui muito mais autodeterminação que as suas criaturas, porque ele é, além de inteligente, todo-poderoso. Ninguém impede a Deus de fazer o que lhe apraz. Por essa razão, o profeta Isaías registra: "O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade" (Is 46.10b ). Deus é um ser com infinita capacidade de autodeterminação, pois ele está no céu, "e tudo faz como lhe agrada" (Sl 115.3).

#### d. UMA PERSONALIDADE Possui AFEIÇÕES

A personalidade de um ser está em grande medida relacionada com a sua capacidade de ter afeições ou sentimentos. Deus a possui de maneira extraordinária, tendo sensações de tristeza e alegria, ódio ou amor. Essas afeições misturadas com

a inteligência e com a capacidade de determinação não são típicas de outros seres vivos, senão somente dos seres pessoais.

## B. O PROBLEMA MAIOR DA TRIPERSONALIDADE DIVINA

No seio das igrejas cristãs não há muitos problemas com respeito à personalidade divina, diferente é no que se refere que Ele subsiste em três pessoas.

A grande tarefa da teologia cristã é afirmar, sem apoio de qualquer outro ramo religioso ou filosófico, essa verdade.

É uma matéria de pura confiança (Fé) no ensino geral da Santa Escritura, sem qualquer similaridade em outra religião.

### 1. BASE BÍBLICA DA DOCTRINA DA TRINDADE

O termo "Trindade" não é encontrado na Bíblia. É um termo teológico usado pela primeira vez provavelmente por volta do ano 220 AD.

Ambos os Testamentos fazem referência a esta matéria, e quando examinamos as Escrituras em sua totalidade, percebemos que a evidência da doutrina da Trindade no Novo Testamento é muito mais clara do que no Antigo Testamento. Este entendimento mais claro do Novo Testamento é devido ao caráter progressivo da revelação redentora de Deus. Portanto, à luz dos textos do Novo Testamento é que entenderemos os textos do Antigo Testamento sobre a Trindade.

Examinaremos a base bíblica na ordem inversa dos Testamentos, pela simples razão de a doutrina da Trindade estar mais clara no Novo Testamento do que no Antigo.

#### a. A DOCTRINA DA TRINDADE NO NOVO TESTAMENTO

Fica relativamente mais fácil elaborar a doutrina da Trindade a partir dos dois grandes eventos redentores, ou seja, a encarnação do Verbo e o derramamento do Espírito no Pentecoste.

Ao invés de seguir o caminho do caráter progressivo da revelação, faremos o caminho inverso. Partiremos daquilo que foi revelado mais plenamente, voltando pelo caminho da revelação histórica, a fim de ver os elementos da doutrina da Trindade. A tentativa deste estudo é partir do que está patente no Novo Testamento para o que está latente no Antigo Testamento.

Uma apresentação plena da evidência da doutrina da Trindade requer um estudo de todas as passagens que falem tanto da divindade de Cristo como da divindade e personalidade do Espírito Santo, mas isso faremos posteriormente.

Veremos a seguir algumas evidências textuais da doutrina da Trindade no Novo Testamento.

### a.1. Os Textos sobre o Batismo de Jesus

Mt 3.13-17; Mc 1.9-11; Lc 3.21-23; Jo 1.32-34. Estas passagens falam do Filho encarnado que está diante de João Batista para ser batizado, enquanto o Espírito desce do céu tomando a forma corpórea de uma pomba, e ao mesmo tempo ouve-se a voz do Pai dizendo algo sobre o Filho amado. Nesses textos percebem-se três pessoas que aparecem simultaneamente, e não três modos diferentes de a mesma pessoa se apresentar. Embora a ênfase maior da ideia de pessoa recaia sobre o Pai (que fala) e o Filho (que está sendo batizado), todavia, o Espírito aparece de forma distinta das outras duas pessoas.

### a.2. Os Textos sobre a Fórmula Batismal

Mt 28.16-20 (Mc 16.15-18). Os textos sobre o batismo de Jesus mostram a presença simultânea das três pessoas de uma forma bem distinta. A unidade do ser divino está evidente no fato de que os atributos da divindade são aplicados indistintamente a cada uma das três pessoas. E o fato de cada uma delas apresentar obras puramente divinas é, outra vez, a evidência da divindade de cada uma.

A singularidade da fórmula batismal está na ênfase que dá à unidade das três pessoas no nome de alguém que é batizado.

### a.3. Os Textos sobre a Bênção Apostólica

2 Co 13.13 mostra de maneira clara as três pessoas sendo apontadas como as beneficiadoras dos remidos de Deus. Deve ser observado que esse texto mostra que as funções abençoadoras de cada uma das pessoas tem um caráter pessoal. A graça, o amor e a comunhão são propriedades de pessoas, não de energias ou poderes. Há três pessoas distintas claramente ensinadas nessa passagem.

Ap 1.4,5 também mostra as três pessoas juntas, mas com nomenclaturas diferentes. Nesse texto, o Pai é chamado de "aquele que era, que é e que há de vir" e "aquele que está no trono"; o Filho, Jesus Cristo, é chamado de "a fiel testemunha", "o primogênito dos mortos" e "o soberano dos reis da terra"; o Espírito é chamado de "os sete espíritos". Portanto, graça, paz e amor vêm desse Deus triúno.

O curioso é que a bênção araônica de Números 6:23-26 também mostra uma espécie de trindade, se a vemos com a luz derramada pelo ensino do Novo Testamento, pois nela o nome santíssimo aparece três vezes, onde em cada vez aparece uma promessa de bênção.

#### a.4. Textos Gerais sobre a Trindade

I Co 12.4-6 - Nesta passagem há novamente a menção das três pessoas exercendo funções diferentes na capacitação da igreja. O Espírito é o mesmo que distribui os dons para os membros do corpo (v. 4); o Filho, que aqui é chamado de Senhor, é quem determina o lugar onde os membros do corpo vão trabalhar (v. 5), e o Pai é quem dá a diversidade das realizações dos membros do corpo (v. 6), determinando o sucesso do trabalho dos mesmos.

Ef 4.4-6 - Nesta passagem, Paulo trata da unidade do corpo, dando várias evidências da mesma. A característica importante é que essa unidade gira em torno das três pessoas da Trindade. Há um só Espírito, um só Senhor e um só Deus e Pai de todos. A Trindade, como no texto de I Co 12.4-6, é a mola mestra da vida do corpo. Sem as pessoas da Trindade o corpo não pode funcionar.

I Pe 1.1,2 - Enquanto as duas passagens acima têm a ver com a capacitação da igreja, esta tem a ver com a obra da salvação das pessoas da Trindade. O Pai é o responsável pela eleição, segundo a sua presciência; a obra de redenção dos pecadores é feita pela "aspersão do sangue de Jesus Cristo", o Filho, e a santificação dos eleitos e redimidos é feita pelo Espírito Santo.

Judas 20-22 - Esta passagem novamente mostra as três pessoas exercendo funções diferentes na vida dos santos. O Pai é quem guarda os santos no seu amor. O Filho é a expressão da misericórdia divina, na qual os santos devem esperar. O Espírito é o que edifica os santos na fé santíssima, ou seja, no corpo de doutrina recebido, a mesma "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (v. 3).

I Jo 5.7 - Esta passagem também nos mostra as três pessoas da trindade.

#### a. 5. O Ensino de Cristo Mostra a Doutrina da Trindade

Em vários lugares dos Evangelhos Jesus diz que Deus é seu Pai e que esse Pai é um Espírito que tem vida em si mesmo (Jo 4.24 e 5.26); ao mesmo tempo Jesus ensina que ele e o Pai são da mesma essência, afirmando ser igual a ele (Jo 5.18), porque ele faz as mesmas obras (Jo 10.37, 38). O ensino de Cristo mostra, no seu conjunto, a harmonia que existe entre as pessoas da Trindade.

#### b. BASE NO ANTIGO TESTAMENTO

Todos os textos do Antigo Testamento que serão citados ficam muito mais claros quando os entendemos à luz de uma revelação posterior. Eles são mais bem entendidos quando recebem a luz que vem dos textos mais claros do Novo Testamento, onde a revelação progressiva se torna mais evidente.



#### b. I. Textos Gerais Indicando a Pluralidade de Pessoas

Is 48.16 - Parece-nos que as palavras deste verso foram colocadas na boca da segunda pessoa da Trindade, o Verbo ainda não encarnado. Deus enviou o seu Filho e o seu Espírito para realizarem a obra de salvação na história do mundo e na vida pessoal do pecador. Obviamente, a primeira obra cabe ao Filho encarnado e a segunda ao Espírito que opera no íntimo do pecador.

Is 59.20,21 - Estes versos são palavras diretas de Deus, o Pai, aqui chamado de "Senhor", que estabelece um pacto com o seu povo. Como parte desse pacto, o Espírito estaria sobre o mediador do pacto, o Salvador Jesus Cristo, que é o Redentor que vem de Sião.

Is 61.1-3 - As três pessoas aparecem de forma clara nesta passagem. Ela é citada no Novo Testamento (Lc 4.16) para mostrar a unção do Messias pelo Espírito que vem de Deus. Logo no começo do verso 1, o texto diz: "O Espírito do Senhor (Deus, o Pai) está sobre mim ( o Filho, Cristo)".

b.2. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pelo Nome de Deus Nos textos abaixo, embora apareça a ideia de pluralidade de pessoas, não há necessariamente a indicação de que sejam três pessoas. Contudo, não podemos deixar de levar em conta que no judaísmo havia uma forte ênfase no monoteísmo. A ênfase no monoteísmo e, ao mesmo tempo, a pluralidade de pessoas envolvida no nome de Deus provam que ele é um ser que possui mais de uma personalidade.

Todavia, a conclusão acerca da doutrina da Trindade nesses textos é apenas deduzida da ideia da Trindade já provada no Novo Testamento.

Embora haja ênfase na unidade de Deus, as Escrituras indicam a pluralidade de pessoas na divindade. O nome incomunicável de Deus, YHWH, está sempre no singular, enfatizando a natureza essencial de Deus que é a mesma nas três pessoas, enquanto o primeiro nome de Deus mencionado nas Escrituras revela a pluralidade de pessoas que nele há. O nome usado para Deus em Gn 1.1 (Elohim) é um plural de majestade. Embora esse texto não indique que são três pessoas, certamente indica a pluralidade de pessoas na divindade. Entendendo esse verso de acordo com o contexto geral das Escrituras, incluindo o Novo Testamento, é como se Moisés houvesse dito: "No princípio, cada uma das pessoas da divindade (Elohim = plural de majestade) criou os céus e a terra". Isto é perfeitamente possível, pois podemos ver nos ensinamentos da Bíblia que tanto o Pai como o Filho e o Espírito participaram ativamente da obra da criação, como veremos adiante. A pluralidade de pessoas na divindade é evidenciada desde o início da revelação bíblica.

Em textos como Jó 35.10; Sl 149.2; Ec 12.1 e Is 54.5, a tradução em nossa língua apresenta Criador no singular, mas o texto hebraico apresenta o termo no plural - Criadores. O mundo foi feito por um só Deus, mas foi feito pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito.

A pluralidade no nome de Deus indica a pluralidade de pessoas que existe nele, se considerarmos a matéria à luz da revelação neotestamentária já estudada.

### b.3. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Tríplice Repetição do Nome YHWH

Nm 6.24-26 - "O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o rosto, e te dê a paz."

Pode até parecer coincidência ou uma questão de combinação de números, mas na bênção arcaica, o nome YHWH aparece repetido três vezes, indicando a mesma bênção apostólica, onde as três pessoas da Trindade estão claramente indicadas.

No Antigo Testamento, a bênção também é trinitária, mas entendemos que a Trindade está aqui indicada de uma forma embrionária, que só pode ser entendida à luz da revelação neotestamentária.

Observe-se também Daniel 9.19 e Isaías 33.22. Nestes textos, o nome santíssimo é repetido três vezes, assim como na celebração dos serafins, quando da visão de Isaías (6.3), e dos seres viventes (Ap 4.8). Pode até parecer acidental, mas não há nada na Escritura que não tenha sido escrito com algum propósito definido.

Se o nome aparece sempre três vezes, certamente há algum propósito específico para isso.

### b.4. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Relação de Comunicação

Em Gn 1.26 novamente mostra a ideia de pluralidade de pessoas pela ideia de comunicação interpessoal, pois Deus diz de si para consigo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Quando Deus fala, sem haver um ser criado com quem falar, é absolutamente certo que ele fala com alguém dentro de si mesmo.

As pessoas da Trindade sempre se comunicaram, antes que houvesse o mundo e as suas criaturas racionais. O fato de Deus ser tripessoal é o que torna essa comunicação relacional possível.

Em Gn 3.22 a ideia de pluralidade também está presente na comunicação trinitária. Depois de verificar que o pecado havia entrado no universo dos homens, vendo a condição de cegueira de nossos primeiros pais e sua fuga da presença de Deus, este

disse de si para consigo mesmo: "Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal". É como se Deus dissesse no conselho da Trindade: "Eis a situação do homem a quem Satanás prometeu ser um de nós, e que ele esperou ser como um de nós, como uma das pessoas da divindade.

Vejam se ele se parece conosco. Agora está querendo fugir de nós e está tremendo de medo, cobrindo-se com folhas de árvore!"

Essa observação que Deus faz para si mesmo, o que indica pluralidade de pessoas, mostra o desapontamento que tiveram os nossos primeiros pais quando ouviram o conselho de Satanás, que disse: "Vós sereis como deuses" (Gn 3.5).

Gênesis 3.22 reforça imensamente a ideia da Trindade no Antigo Testamento, mas não sem o auxílio da revelação mais completa que está evidente no Novo Testamento.

Um outro exemplo encontra-se em Gênesis 11.7, no evento da construção da torre de Babel, onde o mesmo tipo de linguagem é empregado: "Vinde, desçamos, e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro". Essa comunicação trinitária é mais uma vez patente, em consonância com as obras de Deus que sempre são feitas num acordo de pluralidade de ação.

Em Isaías 6.8 Deus pergunta para si mesmo, obtendo a prontidão do serviço de Isaías: "Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim". (Examinar também Isaías 41.21-23 .) É a Trindade que envia as pessoas para o exercício de um ministério, e isto está latente neste texto e fica patente à medida que a revelação progride.

Essa pluralidade demonstrada na comunicação de pessoas distintas também está patente no ensino de Jesus Cristo em João 14.23. O entendimento desses textos do Antigo Testamento é devido à luz lançada, por exemplo, por textos como João 1.1, onde se diz que o "Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus", indicando que ao mesmo tempo em que era a Palavra de Deus, ele era também o próprio Deus.

#### b.5. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Obra que Deus Faz

Gn 1.26 mostra claramente que a obra da criação é compartilhada pela pluralidade de pessoas na divindade.

Nenhuma das pessoas da Trindade opera sozinha as obras da criação e da redenção. Falando da majestade poderosa do Senhor na criação do universo, o profeta pergunta: "Quem guiou o Espírito do Senhor? ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão?" (Is 40.13, 14). Certamente, ao criar o universo ex nihilo, Deus consultou o seu próprio ser, no

conselho da Trindade. Ele nunca poderia estar se referindo a qualquer de suas criaturas, mesmo aos anjos.

Quando Deus resolve fazer qualquer coisa, ele a faz consultando a si próprio. Isso somente é possível na existência de uma pluralidade de pessoas. Se fôssemos unitários, não poderíamos crer na possibilidade de Deus falar para si mesmo: "Façamos o homem segundo a nossa imagem, conforme a nossa semelhança".

#### b.6. Textos que Indicam a Pluralidade pelas Referências ao Anjo de YHWH

Os anjos sempre foram mencionados na Bíblia, mas parece-nos existir menção específica de um Anjo que não tem nada a ver com os seres criados por Deus, o que indica haver uma outra pessoa dentro do ser divino, que não é aquela que conhecemos como Deus, o Pai, já no ensino embrionário sobre a Trindade no Velho Testamento.

Os anjos sempre foram tidos nas Escrituras como seres criados (2 Samuel 24.16ss; 1 Reis 19.5-7; 2 Reis 19.35, além de outras citações no Novo Testamento como Mateus 1.20, 28; Lucas 1.11; 2.29, etc.). Contudo, há outras passagens, especialmente no Antigo Testamento, que tratam do aparecimento do Anjo do Senhor, as quais, ao que tudo indica, referem-se a um ser não criado.

Tais menções desse anjo estão vinculadas às manifestações teofânicas que, na teologia de muitos, são identificadas com a manifestação do Logos (Verbo) ou da segunda pessoa da Trindade.

Gênesis 16.7-13 - Este texto trata do encontro no deserto do Anjo de YHWH com Hagar, a serva de Abraão. Nesse evento, o Anjo do Senhor é tido como aquele que causa a multiplicação da descendência de Hagar (v. 10), fato atribuído somente a Deus nas Escrituras. Parece-nos, também, que ele próprio é objeto de adoração, pois ela era vista por ele, assim como ela o via (v. 13). Ao mesmo tempo que o Anjo fala do Senhor, ele próprio é tido como Senhor, o que indica a dualidade pessoal.

Gênesis 18.1, 2, 22; 19.1 - Estes versos indicam que três seres apareceram em forma humana diante de Abraão. Certamente, um deles era o Senhor, pois o v. 1 diz isso e o v. 22 o confirma, além de suas prerrogativas (18.25-33) e obras (19.24) o demonstrarem.

Gn 22.15, 16 - "Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do Senhor a Abraão e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho ... "

Estes versos mostram uma vez mais que esse Anjo é mais do que um simples ministrador aos que vão herdar a salvação, como é o caso de outros anjos, conforme o ensino de Hb 1.14, mas ele é o próprio Deus.

Gênesis 28.13-17 trata da escada que Jacó viu em sonhos, na qual os anjos de Deus subiam e desciam. O texto diz duas vezes que o Senhor estava ali, embora Jacó não o soubesse. Compare essa passagem com a de João 1.51, onde Jesus diz prolepticamente: "Vós vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem". É bem verdade que a figura aqui está mais ligada à escada, na qual os anjos sobem e descem, do que ao Anjo de Deus propriamente dito, mas a ideia fica mais clara quando lemos outros textos que podem ser de maior auxílio, como os que vêm logo abaixo.

Gn 31.11-13 - "E o Anjo de Deus me disse em sonho: Jacó ! Eu respondi: Eis-me aqui! Ele continuou: Levanta agora os olhos e vê que todos os machos que cobrem o rebanho são listados, salpicados e malhados, porque vejo tudo o que Labão te está fazendo. Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te agora, sai desta terra, e volta para a terra de tua parentela."

Neste texto, há uma afirmação da divindade do Anjo de Deus. Deus se reporta a um evento anterior da vida de Jacó, onde ele próprio havia aparecido em sonhos a Jacó, quando do episódio da escada.

Esse Deus que, ao mesmo tempo, é o Anjo de Deus, indica que há mais de uma pessoa no ser divino. O Anjo de Deus disse que era Deus. Como cremos na unidade do ser divino, temos que admitir a pluralidade de pessoas nele.

Gênesis 32.24-30 - Neste texto, se diz que Jacó lutou com um homem. Contudo, se o compararmos com o texto de Oséias 12.4, veremos o profeta dizendo que Jacó lutou com um anjo. Em ambos os textos se afirma que Jacó teve a consciência de que, lutando com um homem ou com um anjo, estava lutando com Deus.

Êx 3.2, 4, 6 - "Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio duma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia ... Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés ... Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus."

Uma vez mais as Escrituras mostram que o Anjo do Senhor é o próprio Senhor.

No final de sua vida, Moisés, invocando sobre o povo a bênção, faz referência àquele "que apareceu na sarça" (Dt 33.16) como Deus, o Senhor.

O Evangelho de Marcos também confirma esse evento histórico e mostra que o Anjo do Senhor é o próprio Deus (Mc 12.26).

A segunda pessoa da Trindade, com certeza, é a pessoa da comunicação divina. Daí ela vir a chamar-se "Verbo" ou "Palavra" na linguagem do evangelista João. O mesmo que estava com Deus, era Deus.

As teologias de Moisés e de João combinam exatamente.

Êxodo 14.19 trata da proteção do povo que caminhava pelo deserto dada pelo "Anjo de Deus". Esse Anjo que era enviado de Deus era o próprio Deus. Como pode Deus enviar uma outra pessoa que é identificada como Deus, se não há outro Deus além dele? O entendimento cristão desse texto sempre foi que o Anjo refere-se às manifestações pré-encarnadas do Verbo Divino, a segunda pessoa da Trindade. A mesma ideia aparece em Êx 23.23; 32.34; 33.2; Nm 20.16.

Isaías 63.8, 9-Referindo-se aos atos salvadores-providenciais de Deus num passado já distante, o profeta Isaías proclama a mensagem de Deus: "Porque ele dizia: Certamente eles são meu povo, filhos que não mentirão; e se lhes tornou Salvador. Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o Anjo da sua presença os salvou; pelo seu amor e pela sua compaixão ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antigüidade". De quem poderia se dizer algo assim, senão do Verbo que haveria de se encarnar? Só dele se afirma o que Isaías disse a seu respeito.

Malaquias 3.1,2 - Não há dúvidas de que este texto se refere a dois personagens que abrem a história do Novo Testamento: João Batista e o próprio Jesus Cristo. O primeiro é o precursor do segundo. Aqui, o "Anjo da Aliança" é uma referência inequívoca a Jesus Cristo, pois o próprio texto o chama de "Senhor". Poucos comentaristas sérios duvidam dessa interpretação. Ao mesmo tempo que se diz que o Senhor dos Exércitos o envia, o "Senhor" é o enviado.

Essas duas pessoas possuem a mesma característica essencial - a divindade.

Os pais da igreja, mesmo antes de Agostinho, eram unânimes no entendimento de que o "Anjo de YHWH" era o Logos, ou o Verbo divino, aparecendo teofanicamente. Deus é um ser invisível e inacessível, que veio a comunicar-se com os homens revelacionalmente sempre através da segunda pessoa da Trindade, no período do Velho Testamento, e que veio a encarnar-se "na plenitude dos tempos".

Embora distinto de YHWH, o Filho (ou o "Anjo da Aliança") é da mesma natureza dele. Embora distinto de YHWH, este Anjo de YHWH possui o mesmo nome, tem o mesmo poder, efetua a mesma libertação, dispensa as mesmas bênçãos, e é objeto da mesma adoração.

### b.7. Textos que Indicam a Pluralidade pelas Referências a Cristo Agindo no Antigo Testamento

Não há dúvida entre os cristãos ortodoxos de que Jesus Cristo atuou no período do Velho Testamento, embora de maneira não-encarnada. A preexistência do Verbo, agindo juntamente com Deus, o Pai, é claramente vista em

Jo 8.56-58 - "Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se. Perguntaram-lhe, pois, os judeus: ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade cu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou."

Com toda a probabilidade, a referência que Jesus faz ao fato de Abraão ter visto o seu dia está vinculada à manifestação da divindade nos dias que precederam a destruição de Sodoma e Gomorra. Em Gênesis 18 houve uma manifestação teofânica e Abraão esteve na presença do Senhor (vv. 2, 3, 22). Deus, o Filho (assim se crê), manifestou-se claramente a Abraão, mostrando facetas de seu poder onisciente (vv. 11-14). Portanto, quando da promessa do nascimento

1; de Isaque (v. 1 O), a preexistência do Verbo é perfeitamente inteligível. Esta passagem parece comprovar a preexistência do Verbo (além do que está provado em Jo 1.1-5).

1 Co 10.4 - " ... e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo."

Este verso fala da obra providencial de Jesus Cristo, pré-encarnado, na vida peregrina do povo do Velho Testamento. Através da ação do Verbo divino, havia " Ibid., 257.

122

### O SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

providências físicas e espirituais. Essa rocha sobrenatural protegia e sustentava o povo no deserto, preservando-o da destruição. Está claro que a proteção é de Deus, mas Paulo esclarece que essa proteção vinha de Deus, o Filho, que, no tempo de Paulo, já se havia feito homem.

At 7.30, 35 - "Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo, por entre as chamas de uma sarça que ardia ... A este Moisés, a quem negaram reconhecer, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz? A este enviou Deus como chefe e libertador, com a assistência do Anjo que lhe apareceu na sarça."

Todos nós entendemos que foi Deus quem apareceu na sarça para falar com Moisés. Isso é verdade, mas parece-nos que não foi a primeira pessoa da Trindade, e sim a segunda, que era o agente da divindade em matéria de comunicação e ação. O texto transcrito mostra novamente o Anjo, que aparece em cena, mas agora agindo de maneira clara na libertação do povo da escravidão do Egito, fazendo sinais e prodígios (v. 36). Não é difícil mostrar que o Anjo não se refere à primeira pessoa da Trindade. Deus, o Pai, enviou o anjo para comunicar-se com Moisés, e para que esse estivesse assistindo tudo o que Moisés fazia para libertar o povo.

I Co 10.3, 4 - "Todos eles comeram de um só manjar espiritual, e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo."

Esse Anjo de Jeová ia adiante do povo de Deus, guardando-o, guiando-o, tomando todas as providências para o seu sustento físico e espiritual. Esse Anjo era o próprio Jeová, o Filho, que veio a tornar-se o Cristo.

### C. BASE HISTÓRICA DA DOCTRINA DA TRINDADE

A doutrina da Trindade experimentou um desenvolvimento já nos primeiros séculos da igreja cristã, pois as controvérsias sobre a natureza das pessoas trinitárias gerou uma formulação mais elaborada no Credo Apostólico e nos credos subsequentes dos primeiros concílios ecumênicos, como o de Nicéia (325), o de Constantinopla (381) e o credo de Atanásio.

A história da doutrina da Trindade foi mais importante e significativa nos períodos das controvérsias em torno do Monarquianismo,<sup>79</sup> do Arianismo e do Macedonianismo.

<sup>79</sup> Monarquianismo é toda tentativa de explicar o elemento divino em Cristo sem fazer violência à unidade de Deus.

### A TRIUNIDADE DE DEUS

123

1. As CONTROVÉRSIAS TRINITÁRIAS DO MONARQUIANISMO Houve dois tipos de monarquianismo na história da igreja. O monarquianismo sempre esteve ligado a controvérsias a respeito da pessoa de Cristo, pois foi uma tentativa de explicar o elemento divino em Cristo, mas sem cair no erro do triteísmo. Todo monarquianismo era unitário, isto é, cria na existência de um só Deus, porém unipessoal, não tripessoal. Sempre tentou-se mostrar que há um Deus somente, mas a dificuldade era mostrar como poderia haver três pessoas em uma só essência numérica.

Os dois tipos de monarquianismo foram conhecidos como Modalista e Dinâmico.



#### a. MoNARQUIANISMO MÜDALISTA

Esse monarquianismo também foi chamado de Sabelianismo na igreja oriental e Patripassianismo na ocidental. Teve como expoentes Noeto (c. 200), Práxeas (c. 200) e Sabélio (c. 215), todos eles em Roma.

O monarquianismo modalista possuía uma tendência docética em sua cristologia. Para essas pessoas, Cristo não era realmente homem, mas tinha aparência de homem. A tendência desse tipo de modalismo era apresentar Cristo como divino, mas não uma pessoa distinta do Pai e do Espírito Santo. Todavia, não há nenhuma preocupação no modalismo de mostrar a sua humanidade. Portanto, todo monarquianismo modalista vai negar, em algum grau, a humanidade de Cristo.

Há alguns pontos claros no monarquianismo modalista:

- 1) Deus é essencialmente um. O monarquianismo modalista começa com a unidade de Deus, afirmando um só Deus, mas também uma só pessoa. Nega, portanto, a sua tripersonalidade.
- 2) A Trindade é vista somente de maneira revelacional ou econômica. Deus revelou-se de três modos diferentes ou agiu de três modos diferentes. Não existe a Trindade essencial ou ontológica.
- 3) Pai, Filho e Espírito Santo não são pessoas, mas modos de manifestação ou modos de revelação do Ser divino. Eles não são co-eternos, mas sucessivos cronologicamente.
- 4) O primeiro modo de manifestação é o Pai, na criação e na doação da lei ao seu povo; o segundo modo de manifestação é o Filho, na encarnação; e o terceiro modo é o Espírito, na regeneração e na santificação. Nunca os três modos aparecem simultaneamente na história da revelação, mas sucessivamente.

124

. o SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

#### b. MÜNARQUIANISMO DINÂMICO

O monarquianismo dinâmico teve como expoente Paulo de Samosata (260).

Em contraste com o monarquianismo modalista (que nega a plena humanidade de Cristo), este tem uma tendência ebionita, pois começa por negar a divindade essencial de Jesus Cristo.

Há algumas proposições básicas nesse tipo de monarquianismo que justificam a sua designação como "dinâmico". Não se deve esquecer que todo tipo de monarquianismo é unitarista:

1) Deus é essencialmente um, mas também é uma só pessoa. Como é típico do monarquianismo, o fundamento essencial é o unitarismo e não o trinitarismo. Há uma monarquia (mono+arce), isto é, o governo de uma só pessoa e uma só essência.

2) O Logos (Filho) e o Espírito não são pessoas divinas distintas. O Espírito é um atributo, uma espécie de dynamis (poder) de Deus, um atributo impessoal em Deus. O Filho não é ontologicamente Deus, mas recebe o dynamis de Deus na sua experiência do batismo, sendo elevado a uma categoria divina. Portanto, é chamado monarquianismo dinâmico porque o homem Jesus recebe o dynamis de Deus e é elevado a uma posição que não possuía antes.

Dessa forma, Paulo de Samosata assevera que o Logos vem a ser homoousios (da mesma essência) ou consubstancial com o Pai, mas o Logos não é uma pessoa distinta da divindade. Paulo de Samosata entendeu o termo "ousia" no sentido de pessoa, e não de natureza ou essência. Portanto, no seu pensamento, o Logos é uma pessoa com o Pai, sendo da mesma "ousia". O seu uso de homoousios veio a significar que o Logos (Filho) foi uma única pessoa com o Pai, negando, assim, a Trindade. O Logos poderia ser identificado com Deus porque existia nele da mesma forma que a razão existe no homem. O Logos é, portanto, um poder impessoal presente em todos os homens, mas particularmente no homem Jesus.

No ano 268, o Sínodo de Antioquia rejeitou esse termo "ousia" com o sentido que Paulo de Samosata lhe deu. O Concílio de Nicéia, em 325, usou o termo homoousios no sentido de essência, não de pessoa, para combater Ário. Observe-se que o Concílio de Nicéia ordenou o rebatismo dos seguidores de Paulo de Samosata e, dessa forma, tratou-os como não-cristãos por causa do seu unitarismo. Isto é, eles negaram a doutrina da tripersonalidade em Deus. É bom lembrar que a Escola de Antioquia, Ário e Nestório tiveram a mesma tendência de Paulo de Samosata.

3) Jesus Cristo é adotado como o Filho de Deus. Originalmente, Jesus era

## A TRIUNIDADE DE DEUS

125

um mero homem. No momento do seu batismo, o dynamis de Deus, que é o Espírito, desceu sobre ele em forma de pomba e qualificou-o para sua tarefa especial, de tal modo que ele podia realizar milagres e tinha outros poderes. É bom ter-se em mente que o Logos (dynamis) morou em Jesus como em um templo. Assim, quando o dynamis desceu sobre Jesus, este tornou-se um Filho de Deus

adotado, em virtude de sua qualificação especial através do Logos, e em virtude da obra realizada por ele.

A divindade de Jesus Cristo é, todavia, uma divindade de honra, de adoção, mas não uma divindade essencial. A deificação de Jesus Cristo ocorre por graça. Há divergência entre os estudiosos sobre se essa deificação foi completada no batismo ou na sua ressurreição. O Logos progressivamente penetrou a natureza humana de Jesus Cristo e esteve presente nele mais plenamente do que em qualquer outro ser humano. Assim, ele é digno da honra divina. Todos os monarquianistas dinâmicos são adocionistas.

Portanto, a cristologia de Paulo de Samosata evita que haja uma tripersonalidade em Deus, afirmando o seu monarquianismo, isto é, a sua ideia de um só princípio, uma só pessoa.

## 2. As CONTROVÉRSIAS TRINITÁRIAS no ARIANISMO

O originador do movimento conhecido como arianismo foi Ário (250-336), um presbítero de Alexandria que por volta de 318 tornou-se adversário teológico do seu bispo, Alexandre (t328). Ário teve como grande apoiador, fora dos limites do Egito, o grande Eusébio de Nicomédia (t342), o primeiro bispo proeminente da era constantiniana.

Para Ário, Deus era "não-gerado, único eternamente, o único a possuir imortalidade, o único sábio, o único bom, o único soberano." Esses elementos que eram parte da sua essência não poderiam, de forma alguma, ser atribuídos a outra pessoa sem cair no erro do politeísmo. Para Ário, somente o Pai era verdadeiramente Deus. Como unitário que era, Ário rejeitou a doutrina da Trindade.

Eis alguns pontos da sua doutrina cristológica:

1) Deus somente é sem começo, não-gerado, não-originado. Este é o sentido de eterno para Ário.

2) Deus não foi eternamente Pai. Houve um tempo em que ele era só. Deus veio a ser Pai somente quando criou o Filho.

<sup>1</sup> Ver o verbete "Arianism", em *New Dictionary of Theology*, editado por Sinclair Ferguson e outros (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1989), 42.

126

## O SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

3) O Filho é originado, o unigênito, o primogênito. O Filho, portanto, teve um começo. Houve um tempo em que ele não era. Antes de sua geração ele não existia.

4) O começo do Filho foi uma criação a partir do nada, antes da existência do mundo material. O Filho foi criado pelo poder e pela vontade do Pai. A expressão usada por Ário de que ele foi "sem começo" deve-se à expressão contrária usada por seu adversário, o bispo Alexandre, que havia dito que assim como Deus foi "sempre o Pai", o Filho foi "sempre o Filho".

5) O Filho, embora criado, veio de cima. Era considerado como uma criatura especial para exercer uma função específica. O Filho veio a tornar-se o criador do Espírito e do universo físico. A razão da criação do universo ser obra do Filho é porque, na visão de Ário, o universo não poderia ter vindo imediatamente da mão de Deus. Assim, o papel mais importante de Cristo era ser o servo de Deus na obra da criação. Dessa forma, vindo diretamente da mão de Deus, para exercer a obra da criação, Cristo veio de cima. Nesse sentido, a cristologia de Ário é considerada "from above" (que vem de cima).

6) Portanto, o Filho não é verdadeiramente Deus. Ele não é homoousios, coessencial ou consubstancial com o Pai. Jesus Cristo é um tertium quid, um ser intermediário; todavia, em vista de seus méritos previstos e em vista da sua futura glória ele é chamado de Filho de Deus e venerado pelos homens. Nesse sentido, a cristologia de Ário é adocionista.

Portanto, com essa visão de cristologia, Ário anula a doutrina da Trindade, pois o Filho não é essencialmente Deus.

O arianismo foi condenado no Concílio de Nicéia, em 325, mas não ficou morto. Ele sobreviveu subterraneamente nas três décadas seguintes e teve um fortalecimento entre os anos 353 e 378, porque nesse tempo teve apoio imperial. Seu declínio ocorreu ao perder o apoio real, em 378, e com o Concílio de Constantinopla, em 381, que sustentou e fortaleceu a ortodoxia afirmada em Nicéia.

### 3. As CONTROVÉRSIAS TRINITÁRIAS no MACEDONIANISMO

Em contraste com os monarquianos e os arianos, a questão do macedonianismo tem a ver com a divindade do Espírito. Atanásio havia afirmado que o Espírito Santo era homoousios (da mesma essência) com o Pai, no que teve o apoio dos pais capadóciolos. Fazendo isto, em 362, no Concílio de Alexandria, Atanásio assegurou a doutrina de que o Espírito não era uma criatura do Filho, como ensinaram os arianos, mas que era inseparável do Pai e da mesma substância dele. Essa asserção era necessária porque havia alguns que ensinavam

## A TRIUNIDADE DE DEUS

que o Espírito era uma espécie de "energia" de Deus, e não uma pessoa divina, em igualdade com o Pai.

Os opositores da plena divindade do Espírito Santo ficaram conhecidos como macedonianos ( ou pneumatomaquianos, "lutadores contra o Espírito"). A primeira designação, que ficou em voga após o ano 380, lembra o nome de Macedônio, bispo de Constantinopla, que foi deposto pelos arianos em 360, mas historicamente não há nada que indique que ele tem algo a ver com os macedonianos.<sup>81</sup>

O segundo nome, pneumatomaquianos, refere-se àqueles que provavelmente Atanásio tinha em mente quando insistiu sobre o fato de o Espírito ser homoousios com o Pai.

#### D. FUNDAMENTO TEOLÓGICO DA DOCTRINA DA TRINDADE

##### 1. SIGNIFICADO DE ESSÊNCIA E DE PESSOA

Este é um dos aspectos mais difíceis de serem explicados na teologia cristã.

Ele ultrapassa toda a lógica e raciocínio, pois trata do ser mais interior de Deus, que não pode ser compreendido, embora possa ser conhecido segundo ele se revela. Poucas coisas Deus deu a conhecer acerca da Trindade. Como já vimos, as Escrituras afirmam a existência das três pessoas, mas não nos dá nenhuma indicação que nos ajude a entender a verdadeira natureza das mesmas, nem exatamente como se relacionam.

##### 2. O SIGNIFICADO DE ESSÊNCIA

A palavra grega *ousia* (essência, substância), que foi usada nos credos primitivos da igreja para designar o ser divino, passou a ser entendida, na história da teologia, como sinônimo de *physis* (natureza). Todavia, esse uso foi objeto de crítica por ser derivado de "phynai", que dá a ideia do ser que vem à existência, assim como a palavra "natura" é derivada de "nasci".<sup>82</sup>

Mesmo a despeito da crítica acima, foi esse o significado que prevaleceu historicamente. A palavra "natureza", portanto, tem sido a mais comum e constante para indicar a essência divina. Ela fala daquilo que Deus é, mas nada diz a respeito do seu caráter tripessoal. Isso tem a ver com uma outra palavra técnica usada pelos teólogos: *subsistência*. A palavra "natureza" diz respeito ao que é

<sup>81</sup> J. N. D. Kelly, *Early Christian Creeds* (São Francisco: Harper & Row, 1978), 259.  
<sup>82</sup> Bavinck, *The Doctrine of God*, 297.

comum nas três pessoas da Trindade, e não à particularidade de cada uma delas. Há uma só essência (ou natureza) em Deus, que é compartilhada pelas três pessoas.

Em 2Pe 1 .4, as Escrituras usam a palavra *physis* para falar de algo que Deus é. Por essa razão, na teologia a palavra técnica *ousia* é tomada como sinônima de *physis*. Pedro diz que todos nós "somos co-participantes da natureza divina". Em que sentido podemos entender essa afirmação de Pedro? Bavinck diz que existe alguma analogia entre a natureza divina e a humana. Há em nós reflexos do que Deus é, especialmente naqueles de nós que somos remidos por Cristo, porque a sua imagem está sendo gerada em nós. Há uma semelhança não de essência, mas de comportamento, que espelha o Criador. Conseqüentemente, por causa da imagem de Deus que está sendo restaurada em nós, temos uma noção clara de quem ele é, e podemos falar da sua natureza.

Todavia, quando falamos da natureza humana e da divina, temos que fazer as distinções devidas. Nós dois, o escritor e o leitor deste estudo, somos da mesma natureza - a humana. Essa natureza está presente em nós dois, e em cada membro da raça. Cada um de nós compartilha dessa natureza, mas de modo diferente que em Deus - as pessoas da Trindade compartilham da natureza divina. A natureza humana está presente em cada um de nós, porém de modo finito. Somos participantes da mesma natureza (*physis*), mas não somos numericamente um indivíduo. Ao contrário, somos indivíduos distintos e separados. Todavia, isto não pode ser dito do Ser divino.

Cada uma das pessoas da Trindade compartilha da mesma natureza, a divina. Contudo, essa natureza não somente está presente em cada uma delas, mas em cada uma delas ela é numericamente uma e a mesma. Portanto, as pessoas da Trindade são distintas, mas não separadas. Essa natureza divina está presente na sua totalidade em cada uma das pessoas, e em todas coletivamente.<sup>83</sup>

Por essa razão, não obstante haver três pessoas que subsistem distintamente no ser divino, há uma só vontade, uma só mente e um só poder. A natureza de Deus aponta para a sua unidade, que é muito enfatizada pelas Escrituras.

Em nós, seres humanos, há uma natureza da qual todos compartilhamos.

Somos também pessoas distintas, mas a grande diferença é que não somos numericamente um. Somos indivíduos distintos. Todavia, não é assim com Deus. Ele subsiste em três pessoas distintas, mas não separadas. Ele é numericamente um. Essa é a grande e infinita diferença que existe na maneira como todos os seres humanos partilham da mesma natureza e no modo como as pessoas da

S.I Jbid., 298.

## A TRIUNIDADE DE DEUS

129

Trindade partilham da mesma natureza divina: é a unidade do ser divino, que não existe em nós.

### 3. O SIGNIFICADO DE PESSOA

Enquanto o termo essência (ou natureza) aponta para a unidade de Deus, o termo pessoa (ou subsistência) aponta para as distinções que existem no Ser divino.

O maravilhoso mistério que existe no ser divino é que a sua unidade não exclui a sua distinção ou diversidade! A sua natureza permite que Deus exista tripessoalmente, sem que isso afete a sua unidade, embora não possamos explicar esse fenômeno, pelo fato de ele ultrapassar o nosso entendimento.

A palavra grega usada para expressar "pessoa" na igreja oriental foi *prosopon*. Mas o seu sentido era ambíguo. Sabélcio a interpretou como que significando "manifestações", dando origem ao sabelianismo, que tratou dos "modos de manifestação" de Deus e não das pessoas do Ser divino. Usou-se também a palavra grega *hypostasis* (que significa fundamento, subestrutura, firmeza, aquilo que existe na realidade), mas a palavra *prosopon* prevaleceu. Na igreja ocidental, usou-se a palavra latina *persona* (que significa máscara, o papel que um ator representa - daí a palavra "personagem"). Em teologia, a palavra *persona* veio a significar a "condição, qualidade, capacidade na qual a pessoa funciona".<sup>84</sup> No Ocidente prevaleceu a palavra *persona* (que foi a tradução de *prosopon*) ao invés de *hypostasis*, porque não havia em latim uma palavra que fosse uma tradução adequada desta última. Afinal as palavras *hypostasis* e *prosopon* vieram a significar a mesma coisa. Bavinck diz que até o tempo de Atanásio e dos três capadócijs, "na linguagem da igreja o sentido de auto-existência, *hypostasis*, subsistência, individualidade subsistente e *suppositum* tornou-se a característica essencial do termo *prosopon* ou pessoa".<sup>85</sup> Posteriormente, depois das controvérsias cristológicas, a palavra *persona* veio a adquirir uma conotação ainda mais específica. Uma pessoa era aquela que possui uma substância individual de natureza racional. Portanto, de acordo com essa ideia, uma pessoa é quem possui auto-existência e racionalidade ou autoconsciência." Se essa definição é correta na sua totalidade, os seres humanos não podem ser considerados como pessoas, porque eles não possuem auto-existência, apenas autoconsciência, que os difere dos animais. "Na doutrina da trindade, a palavra 'pessoa'

" Ibid, 299. " Ibid.

•" Ibid.

130

• O SER DE DEUS E os SEUS ArRIBUTÜS

simplesmente expressa a verdade de que as três pessoas da Deidade não são simples modos de manifestação, mas possuem uma existência real e distinta."87 A preocupação das definições dos pais não era explicar o inexplicável, mas negar a doutrina unitária dos sabelianos. Na verdade, a grande dificuldade está na explicação da subsistência tripessoal na unidade do Ser divino. Essa é a grande e insolúvel questão!

A única coisa que podemos dizer é que Deus possui mais do que um modo triplo de existência. São realmente três pessoas distintas que coexistem ou subsistem no Ser que é numericamente um. Não são três indivíduos separados, mas um só indivíduo subsistindo em três personalidades distintas, sem serem separadas. Todas as três constituem o Deus único, vivo e verdadeiro. O Ser divino, por causa da sua infinidade, eternidade, poder, etc., exige ser da forma que é, tripessoal, sem que nos seja possível penetrar os mistérios da natureza interior de Deus.

Atanásio e os três pais capadóciós definiram as "hypostasis como 'modos de subsistência', e com isso eles quiseram dizer que, embora as pessoas sejam um só ser ou essência, elas diferem na maneira de existência".

#### 4. TRINDADE ONTOLÓGICA

A Trindade ontológica tem a ver com o que Deus é, ou seja, com sua essência ou natureza. Na Trindade ontológica nós estudaremos a questão da subsistência das três pessoas e das relações entre elas.

##### a. A QUESTÃO DA SUBSISTÊNCIA TRIPESSOAL

A doutrina bíblica da subsistência tripessoal em uma só essência, isto é, numa essência que é numericamente uma, mostra como a autoconsciência de Deus é independente do universo e existe desde sempre.

##### b. A DOUTRINA DA SUBSISTÊNCIA PESSOAL PROVADA PELAS "OPERA AD INTRA"

Opera ad intra são as obras que acontecem dentro do Ser divino. Tecnicamente, elas são chamadas de opera ad intra porque essas obras aconteceram no interior do Ser divino na eternidade. Elas acontecem à parte de qualquer relação com algo externo à Divindade. Elas são apresentadas pela Divindade em sua unidade. Essas obras ad intra são eternas e imutáveis, além de serem pessoais e essenciais.

" Ibid., 300. "Ibid., 301.



## A TRIUNIDADE DE DEUS

131

Elas não são produto do exercício da vontade de Deus. Deus não desejou ser o que é, mas sempre foi o que é. Todavia, a sua natureza exigiu que ele fizesse o que fez na eternidade. Essa doutrina é produto de um raciocínio lógico, mas pode ser explicada biblicamente.

Essas obras que serão estudadas separadamente não são produto da vontade de Deus. Deus não resolveu ser o que é, nem houve um tempo em que ele não tenha sido o que sempre foi. Portanto, essas obras não têm nada a ver com o decreto de Deus, que tem a sua execução no tempo.

As obras ad intra têm a ver com: (1) a paternidade de Deus, (2) a geração do Filho pelo Pai, e (3) a processão do Espírito do Pai e do Filho. Essas obras não são acidentais em Deus, mas essenciais nele. Elas tratam da subexistência das pessoas no Ser divino.

### b.1. Paternidade

Ser pai é uma obra exclusiva da primeira pessoa da Trindade. Quando uma pessoa se torna pai, a sua essência não muda. Ela permanece a mesma. Isso também é verdade em relação a Deus. Contudo, há uma diferença fundamental entre o ser pai nos homens e em Deus. Este é Pai eternamente. Nunca houve época em que a primeira pessoa da Trindade não tenha sido Deus, o Pai. Nunca ele veio a tornar-se o que não era antes.

Nos parágrafos seguintes, em que analisaremos os pensamentos dos teólogos a respeito desse difícil assunto, aparecerão termos técnicos para os quais é necessária muita atenção. Do contrário, o assunto não será devidamente compreendido.

Na história da igreja, há duas palavras que são escritas de forma parecida, mas que vieram, no decorrer da história da teologia, a possuir um sentido bem diferente uma da outra. A primeira é gignetos, do verbo grego gennan, que , produz o latim "gignere, generare", gerar. A outra palavra bem parecida é genetos, do verbo gignesthai, no latim "fieri". Esta última tem um sentido mais abrangente

e denota tudo o que tem um princípio, quer ele resulte de criação, geração ou propagação. Ora, a distinção entre as duas palavras nem sempre foi devidamente entendida. A princípio foi reconhecido que ambas possuíam um sentido duplo, sendo um deles aplicável ao Filho e o outro não. Gradualmente, as duas palavras tornaram-se distintas.<sup>89</sup>

Posteriormente, o termo agnetos (sem começo ou inciado) foi visto como propriedade das três Pessoas da Trindade. A propriedade de ser inciado não

,e; Ibid., 306.

132

#### . O SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

teve um começo na história. Portanto, a agenesia é uma propriedade do ser divino, comum a todas as Pessoas. Contudo, esse termo agenesia deve ser distinto de agennesia, que é um atributo exclusivo do Pai. O Filho é gennetos (gerado), mas não no sentido de ser criado no tempo como as criaturas o são. Ele veio da essência do Pai eternamente. Em contraste com o Filho, o Pai é agennetos (não-gerado). Bavínck ainda comenta que "os pais da igreja foram cuidadosos em afirmar que agennesia é uma propriedade pertencente a uma pessoa, e não ao ser" .90 Todas as três pessoas possuem agenesia, pois é atributo do ser divino, mas só o Pai possui agennesia, isto é, ele não é gerado nem procede de ninguém.

Portanto, a agennesia é uma qualidade atribuída somente à primeira pessoa da Trindade, como algo exclusivo dela. Do Filho se diz que ele é "gerado do Pai", sendo o "unigênito do Pai". Do Pai se diz que Deus é agennetos (isto é, o que não é gerado). Todavia, esse termo agennesia é um termo negativo, porque não diz o que a primeira pessoa é, mas o que ela não é. Ele apenas afirma que o Pai não é como o Filho, isto é, gerado. Na verdade, o termo agennetos não tem nada a ver com a designação bíblica Pai. Essas são distinções eminentemente teológicas, elaboradas no decorrer dos séculos para tentar explicar o quase inexplicável.

Para ser bem mais simples, e sem querer penetrar além do que já fizemos, a solução mais apropriada é aceitar a pequena informação dada pelas Escrituras. Sem as dificuldades das elaborações teológicas, a melhor coisa é usar o termo empregado pelas próprias Escrituras para a primeira pessoa da Trindade: Pai. Esse é o seu atributo pessoal. Esse atributo é bem melhor porque implica uma relação positiva com a segunda pessoa que é chamada de Filho.

Como Pai, portanto, a primeira pessoa da Trindade é também considerada como possuindo o atributo da generatio ativa, fazendo com que o Filho fosse gerado da sua essência.

Esse assunto deve ser tratado lógico e não cronologicamente. Nunca houve um "tempo" quando a primeira pessoa da Trindade não tenha sido Pai. Portanto, nunca tente colocar em Deus a noção de que "um dia ele veio a ser pai", como acontece conosco, seres finitos e temporais.

#### b.2. Filiação

Esse atributo pessoal é única e exclusivamente relativo ao Filho, não ao Ser divino completo. Somente ele é Filho do Pai, não o Espírito. Ele é o Filho eterno 'l) Ibid.

## A TRIUNIDADE DE DEUS

133

de Deus. Da mesma forma que dissemos acima a respeito do Pai, também dizemos do Filho: nunca houve "tempo" em que o Filho não fosse Filho. Ele não veio a ser Filho no tempo. Ele é Filho desde sempre. O Filho é eternamente gerado da essência do Pai. Ele não veio à existência como as outras criaturas. Nunca deve ser entendido dessa forma, mas deve ser crido que ele é Filho eternamente gerado do Pai.

Devemos afirmar essa verdade (mesmo que não a compreendamos em sua inteireza), porque a divindade do Filho foi muito questionada pelos arianos e por todos os unitários na história da igreja, uma vez que a ideia de filiação sempre se esbarrou no problema da eternidade. Se Cristo é Filho, houve um tempo em que ele não era Filho nem Deus era Pai. Os unitários sempre atacaram a divindade do Filho por causa disso.

Contudo, mesmo a despeito dos protestos contra essa doutrina na história, é absolutamente lícito e próprio falar em teologia da geração do Filho, por causa das afirmações das Escrituras a respeito da segunda pessoa da Trindade.

A doutrina da geração do Filho é apoiada pelos textos nos quais Cristo é chamado de Filho por seu Pai, e de Filho de Deus por muitas testemunhas:

Filho - o Pai testemunha a respeito do Redentor como sendo o seu Filho (Mt 3.17; 17.5; Hb 1.8);

Filho de Deus - Jesus declarou-se a si mesmo Filho de Deus (Me 14.61, 62; Jo 19.7).  
Todavia, se Jesus desse testemunho de si mesmo sozinho, o seu testemunho não seria verdadeiro. Mas além do testemunho do seu próprio Pai, há uma nuvem de testemunhas que reconhecem a sua filiação divina. Os anjos testemunham que Cristo é o Filho de Deus (Lc 1.31, 35); os próprios demônios testificaram que Jesus é o Filho de Deus (Mt 8.28, 29; Me 3.11; Lc 4.41 ); os discípulos testificaram da sua filiação divina (Mt 16.15, 16; Jo 1.34, 49; 11.27; At 8.37); até homens ímpios reconheceram a filiação divina de Jesus Cristo (Mt 27.54).

O testemunho da pregação apostólica incluía o reconhecimento de Jesus Cristo como Filho de Deus (At 9.20; 2Co 1.19). Além disso tudo, Jesus muitas vezes chamou Deus de "meu Pai" (Jo 8.18).

Todos os seres racionais não hesitaram em ver em Jesus o Filho de Deus, muito embora nem todos cressem nele. Todavia, essa atestação é uma maneira incontestável de se mostrar a necessidade de se afirmar a geração do Filho de Deus. A doutrina da geração eterna do Filho é apoiada por outros textos que falam de um modo mais direto nas seguintes palavras:

134

. o SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

Primogênito - essa expressão aparece em alguns textos do Antigo Testamento e mesmo do Novo (Sl 89.20, 26, 27; Hb 1.6). Ela lembra a ideia de que Jesus Cristo é o primeiro e o que possui a primazia.

Unigênito (Jo 1.14-18) - esses versos mostram não somente que o Filho é gerado, mas evidenciam que o Filho vem da mesma essência do Pai, porque dizem que ele "estava no seio do Pai". Todos os cristãos ortodoxos crêem que a palavra "sabedoria" em Pv 8.24, 25 deve ser aplicada ao Filho de Deus como a sabedoria personificada. Se isto é assim, está claro a partir desse texto que Cristo foi gerado desde a eternidade.

A doutrina da eterna geração do Filho é apoiada ainda por outros textos que falam dela de uma maneira quase literal, mas que devem ser propriamente entendidos dentro dos seus contextos (Sl 2.7; Hb 1.5; 5.5).

A ideia de Filho implica, obviamente, que há um Pai. Tanto o que gera como o que é gerado são da mesma essência. A palavra geração, com respeito ao ' Filho, pode ser perfeitamente usada, pois o texto analisado acima mostra que Jesus Cristo é o "unigênito" de Deus. E a palavra grega monogenes ("unigênito") é a mesma coisa que "o único gerado". Do mesmo modo que se diz que Isaque é o "único Filho" de Abraão, também se diz que o Filho é gerado do Pai.

A diferença mais fundamental aqui é que este último é divino porque é eternamente gerado do Pai.

Embora eu creia na geração eterna do Filho pelo Pai como uma excelente formulação teológica, eu não me arriscaria, como alguns teólogos fazem, a usar textos como o Salmo 2.7: "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei", e Hb 1.5 e 5.5, que são uma espécie de repetição do mesmo Salmo, para provar a geração eterna do Filho. A razão de eu ser reticente no uso desses textos está no fato de eles, em si mesmos, não lançarem luz sobre a matéria, e também pela única interpretação que as próprias Escrituras dão dessa ideia da geração do Filho, que se encontra em At 13.33. Quando Paulo cita o Salmo 2.7, ele aplica a geração do Filho como algo que

se refere à ressurreição de Jesus. Em Hb 5.5 o mesmo Salmo é citado no contexto do chamamento de Cristo para ser Sumo Sacerdote, sem maiores explicações. Portanto, o texto de At 13.33 é a única luz que temos sobre o sentido da expressão "eu hoje te gerei" nas citações acima. É temerário exegeticamente afirmar que elas se referem à geração eterna do Filho.

Certamente cremos que o Pai eternamente gera o Filho da sua própria essência. O Filho é "Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, não feito, sendo uma substância com o Pai" (como afirma o Credo de Nicéia). Contudo, os arianos "ensinavam que, pela vontade do Pai, o Filho foi gerado do

## A TRIUNIDADE DE Deus

135

jaada. Isto, contudo, não seria uma geração, mas criação".<sup>91</sup> Se o Filho foi criado {tio nada, significa que ele veio a existir no "tempo", porque ele é produto da :YOntade do Pai. Ora, se ele foi gerado pela vontade do Pai, isto implica que uve um decreto logicamente anterior, pois a realização da vontade é subse- 1qüente ao decreto que determina o exercício da sua vontade. A ideia ariana ainda diz que ele não veio da substância do Pai, mas do nada. Se o Filho veio do nada, ele não tem a mesma essência do Pai, não sendo, portanto, verdadeira-mente Deus. Esse foi o raciocínio falaz dos arianos.

A igreja cristã, desde o terceiro século, confessou abertamente a geração eterna do Filho, combatendo a heresia dos arianos. Estes também disseram que "houve um tempo em que ele não era", mas que veio a ser. Para provar a nãoeternidade do Filho, apelavam para Pv 8.22-24, que diz que "o Senhor me criou no início da sua obra" e " ... antes de haver outeiros eu nasci". Se o Filho não foi gerado eternamente, a primeira pessoa da Trindade também não é Pai eternamente. Logo, nesse raciocínio, Deus mudou, teve a sua essência alterada, porque, num determinado "tempo", ele veio a ser Pai quando antes não o era, e o Filho veio a ser do que não era. Nesse caso, essencialmente Deus não é Pai, nem o Filho é eterno.

Bavinck usa uma figura que nos parece ajudar na compreensão da geração eterna do Filho. Ele afirma que "assim como é natural para o sol dar a luz e para a fonte derramar água, assim também é natural para o Pai gerar o Filho." Não existe sol sem luz, assim como não existe Pai sem Filho. Nunca houve tempo em que o Pai não tenha sido Pai e tempo em que o Filho não tenha sido Filho. É neste sentido que o Filho é eternamente gerado do Pai.

A qualidade de ser gerado do Pai não é uma qualidade do Ser divino, mas da segunda pessoa da Trindade. Portanto, o atributo da generatio passiva pertence unicamente ao Filho, não ao Espírito, ou ao Pai.

Esse artigo da filiação divina de Cristo sempre foi de grande importância na vida da igreja cristã. É um dogma vital da mesma. Sem a doutrina da filiação eterna de Jesus Cristo, não poderia haver suporte para a doutrina da Trindade.

Por essa razão, devemos enfatizar muito em nosso ensino e pregação essa verdade incontestável para os cristãos.

### b.3. Processão

O atributo de proceder do Pai e do Filho é propriedade pessoal do Espírito,  
" Ibid., 309. "Ibid.

136

### O SER DE DEUS E os SEUS Atributos

não da totalidade do ser divino. O Espírito Santo procede ( ou é espirado) tanto do Pai (Jo 15.26) como do Filho (Jo 16.7). As Escrituras falam algumas vezes do Espírito Santo como o Espírito de Deus, e também falam do Espírito Santo como o Espírito do Filho. Nunca houve um tempo em que o Espírito não existisse ou que não tivesse procedido das duas outras pessoas.

A doutrina da processão do Espírito da parte do Pai nunca recebeu qualquer objeção dentro da igreja cristã. Contudo, quando se afirmou a processão do Espírito da parte do Filho houve um cisma na igreja. O Credo Niceno teve inserida a cláusula de que o Espírito procedia do Filho, o que causou a divisão da igreja em dois blocos: o ocidental e o oriental, culminando na separação definitiva em 1054.

A causa do cisma foi a introdução do termo "filioque", que significa "e do Filho", no Credo. Na verdade, no Credo de Nicéia (325) aparece somente a expressão "procede do Pai". Somente em 589, no Concílio de Toledo (Espanha), na igreja ocidental, é que a expressão filioque foi adicionada à expressão "procede do Pai". Essa expressão "foi gradualmente acrescentada ao Credo, embora não tenha sido aceita como parte do credo em Roma até que tivesse passado um determinado número de séculos". Grudem observa que a aceitação final do Credo Niceno com a cláusula inserida deu-se em 1054. Acrescenta ainda que "a controvérsia inteira foi complicada pela política eclesiástica e lutas pelo poder, e esse ponto doutrinário aparentemente insignificante foi a principal questão doutrinária na divisão entre o cristianismo ocidental e o oriental em 1054 AD".<sup>94</sup>

A igreja ocidental acabou aceitando o filioque com base no texto de João 16.7. Qual é o peso dessa evidência? Os argumentos da igreja ocidental parecem ter uma certa vantagem sobre os da igreja oriental. Além de João 16.7, há uma outra afirmação em João 15 .26, onde Jesus novamente diz: "Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim". O texto fala que o Espírito procede do Pai (que deve ser entendido como aquele que o Pai envia), assim como fala que o Espírito é enviado pelo Filho.

É importante observar que esses textos de João não falam necessariamente que o Espírito procede do Filho ou sobre a origem do Espírito (porque ele é o Espírito eterno), mas sobre o fato de que o Espírito é enviado pelo Filho para executar a obra da consolação.

'B John H. Leith, cd., *Creeds of the Churches* (Atlanta: John Knox, 1982), 32.

''' Wayne Grudem, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), 246.

## A TRIUNIDADE DE DEUS

137

Contudo, a palavra processão na teologia da igreja ocidental não deve ser entendida como significando a origem do Espírito Santo ou que o seu ser se deriva do Pai e do Filho; antes, ela denota o modo pelo qual o Espírito Santo eternamente se relaciona com o Pai e com o Filho."

Sem esses ensinamentos sobre as operações ad intra, ou seja, sobre a paternidade, a filiação e a processão, não poderíamos ter qualquer sustentação para a doutrina das distinções pessoais na divindade.

### 5. TRINDADE ECONÔMICA

A palavra economia diz respeito ao modo como as coisas são feitas pelas pessoas da Trindade. Embora as três pessoas co-essenciais trabalhem como uma unidade, elas possuem um *modus operandi* que é próprio e exclusivo de cada uma. Todas essas obras têm a ver com a relação que as pessoas possuem com o mundo criado, seja na esfera da criação, providência ou redenção.

O Pai sempre age através do Filho e do Espírito. Dessa forma, o Pai é a fonte de atividade, que opera dentro de si mesmo e por si mesmo. O Filho é o meio pelo qual o Pai trabalha, que opera não por si mesmo, mas faz todas as coisas a mandado do Pai, e o Espírito é o limite de atividade, que opera não de si próprio, mas faz o que é do Pai e do Filho.

#### a. O PROBLEMA DA SUBORDINAÇÃO DE FUNÇÃO

Ário tinha a concepção de que o Filho era inferior ao Pai e que, por isso, ele era subordinado ao Pai. Afirmava que as pessoas eram de essência diferente *theteroousiosi*. possuindo, portanto, uma espécie de subordinação de essência. Contra esse pensamento insurgiram-se Atanásio e o Concílio de Nicéia (325), argumentando a favor da consubstancialidade das três pessoas.

Não obstante a ortodoxia ter crido na igualdade das três pessoas e negado a subordinação de essência, ela afirmou a subordinação de função, que é própria da chamada "Trindade econômica". O Deus triúno trabalha de forma que cada uma das pessoas faz uma obra e nelas o Filho e o Espírito estão numa função de subordinação, para que os decretos de Deus sejam cumpridos. É característica do Pai estar em uma função de comando e de direção que o próprio termo lhe confere.

O que é essa subordinação de função? A subordinação tem a ver com as operações extra das pessoas da Trindade.

"Ibid. (nota de rodapé nº 29).

138

o SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

b. A SUBORDINAÇÃO DO FILHO AO PAI

A subordinação se evidencia no fato de o Filho ter sido enviado pelo Pai. A ordem das coisas não seria o Filho ter enviado o Pai, nem o Espírito enviando o Filho ou o Pai. É uma questão de precedência do Pai sobre o Filho, por isso aquele envia a este. E a Bíblia é clara nessa matéria. Em muitos textos essa verdade é mencionada (por exemplo, Jo 7.29). Se isto é assim, então o Filho está sob a autoridade funcional do Pai.

Não somente o Filho é enviado pelo Pai, mas ele obedece a vontade de seu Pai (Jo 4.34; 14.31 ). Essa função não poderia ser revertida, pois é próprio do Pai ser obedecido. Cabe ao Filho a função de estar submisso ao Pai. Do contrário, o Pai deixaria de ser Pai e o Filho de ser Filho. Ele fala as palavras do seu Pai (Jo 14.24); ele recebe a herança do seu Pai (Jo 16.15); recebe a autoridade do seu Pai (Jo 17.2). Essa autoridade que o Filho recebe do Pai, por causa da Trindade econômica, será devolvida ao Pai, quando todas as coisas da redenção forem completadas (1Co 15.28). A subordinação de função também está expressa nos pedidos que o Filho faz ao Pai (Jo 14.16).

e. A SUBORDINAÇÃO DO ESPÍRITO AO PAI E AO FILHO



O Espírito Santo foi enviado pelo Filho (Jo 16.7) e pelo Pai (Jo 14.26) para consolar os cristãos, e ele só revela a eles aquilo que o Filho lhe ordenou. Nesse sentido, o Espírito está subordinado tanto ao Pai quanto ao Filho, de quem procede.

Não somente o Espírito foi enviado pelo Pai e pelo Filho, mas ele faz somente aquilo que o Filho tem designado (Jo 16.13, 14).

Essas funções denotam uma subordinação do Espírito com relação ao Pai e ao Filho. Todavia, deve ser claramente entendido que essa subordinação de função não implica subordinacionismo de essência, que foi o grande erro do arianismo dos primeiros séculos. O Filho e o Espírito não são inferiores ao Pai ou de importância menor nas relações interpessoais.

#### d. A DOCTRINA DA TRINDADE ECONÔMICA PROVADA PELAS "OPERA AD EXTRA"

As opera ad extra são as obras que Deus faz, sendo essas obras externas, que não são feitas dentro do seu ser. Elas têm a ver com a criação, a providência e a redenção. Usando uma maneira técnica de falar, essas obras são a opus naturae e a opus gratiae, ou seja, a obra da natureza e a obra da graça. A opus naturae tem a ver com a criação e com a continuata creatio ( criação continuada), que é

### A TRIUNIDADE DE DEUS

139

a obra da providência. A opus gratie tem a ver com a obra especial da redenção de pecadores. Todas elas são produto da vontade divina. Elas existem porque o Deus triúno resolveu fazê-las. Elas não são essenciais em Deus, porque ele poderia existir sem elas; contudo, resolveu fazê-las.

Essas obras são comuns às três pessoas da Trindade. Todavia, por uma questão de modus operandi, uma obra pode ser atribuída mais a uma pessoa do que às outras duas.

#### d. I. A Obra da Criação

A criação é uma obra da Trindade, mas a primeira pessoa é que parece ter mais preeminência nela. Vejamos de forma sistemática a obra da criação como uma obra trinitária.

a) É dito nas Escrituras que Deus, o Pai, é o criador de todas as coisas (Gn 1.1; Sl 33.6-9; Is 54.5). O profeta Malaquias afirma a paternidade e a criação de Deus, perguntando: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?" (Ml 2.10). Deus, o Pai, é o Deus criador. Os livros do Novo Testamento confirmam essa verdade a respeito do Pai. Numa bela oração registrada por Lucas, a igreja de Jerusalém se dirige a Deus, o Pai, dizendo: "Tu, soberano Senhor, que fizeste o céu,

a terra e o mar e tudo o que neles há ... " (At 4.24). Como sabemos que o texto trata do Pai? Porque nessa mesma oração, a igreja diz: " ... porque verdadeiramente nesta cidade se ajuntaram contra o teu santo servo Jesus, ao qual ungieste ... " (v. 27). Está clara a distinção entre o Pai e o Filho Jesus Cristo.

b) As Escrituras também afirmam que o Filho é o criador de tudo. Ele é mais do que um agente da criação, mas, como Deus que é, também é criador, pois João diz que "todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Paulo acrescenta que em Cristo "foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele" (Cl 1.16). O autor da Epístola aos Hebreus diz que Deus "constituiu o Filho herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo" (Hb 1.3).

c) Também se diz nas Escrituras que a vida do universo é dada pelo Espírito, quando Gênesis menciona que "o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gn 1.2). A terra era sem forma e vazia. Todavia, o Espírito gerava vida no universo criado pela Divindade. Enquanto o Pai trazia as coisas à existência, por meio do Filho (ou a Palavra), o Espírito dava vida às coisas existentes. Um dos amigos de Jó confirma a verdade sobre o Espírito criador, da seguinte forma: "O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida" (Jó 33.5).

140

#### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

Portanto, a criação é uma obra da Trindade toda, uma obra ad extra, produto da vontade de Deus, feita primeiramente para a glória da Divindade e, secundariamente, para o deleite das criaturas racionais.

#### d.2. A Obra da Providência

As obras da providência também pertencem à Trindade, e não somente a uma das pessoas. A criação é uma obra terminada; Deus dela descansou, mas não parou de trabalhar. Jesus disse: "Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também" (Jo 5.17). O Deus triúno continua a sua obra de manutenção da criação. Por essa razão, é comum falar-se em teologia da creatio continuata, ou da providência. Após ser concluída a criação, a obra da providência começou, pois tudo o que é criado tem que ser mantido. Não há nada independente, exceto o próprio Criador. Ele se basta, mas a criação não. Portanto, ela tem que ser preservada e governada, e essas funções não são exclusivas de uma só pessoa da Trindade.

A libertação da escravidão do Egito e a condução do povo até Canaã são uma amostra da participação das três pessoas em uma obra providencial de Deus. embora a segunda pessoa ainda não houvesse encarnado na história humana. Se examinado atentamente, o texto de Isaías 43. 7-14 mostra as três pessoas agindo providencialmente: é feita uma menção ao nome YHWH, pois os filhos de Israel são chamados pelo "meu nome". Esse nome é o nome santíssimo que qualifica os filhos de Israel, que Deus havia criado e formado (v. 7). No verso 10, há menção do "Servo", que é também chamado de "Senhor". Certamente, refere-se ao Anjo da Aliança, que é distinto da primeira pessoa. Esse servo também é chamado de "escolhido" (o que combina com IPe 2.6). A palavra "salvador" do v. 11 é mais regularmente atribuída nas Escrituras ao Filho encarnado. O Espírito Santo aparece de modo indireto, quando se diz que Deus age e ninguém pode impedi-lo em sua obra salvífica (v. 13). O curioso é que, quando se trata de YHWH, do Servo ou do Espírito, sempre está afirmada a ideia muito comum em Isaías:

"Não há outro Deus além de mim". O "mim" refere-se ao Deus triúno e não simplesmente à pessoa do Pai.

Há alguns textos que nos ajudam a ver distintamente a obra da Trindade na preservação do seu povo e do universo.

#### d.2.1. A Obra da Providência Pertence ao Pai

Embora seja uma tarefa da Trindade, a criação do universo é mais atribuída ao Pai. O mesmo pode e deve ser dito em relação às obras providenciais.

### A TRIUNIDADE DE DEUS

141

#### d.2.2. A Obra da Providência Pertence ao Filho

Jesus Cristo é mencionado nas Escrituras como aquele que "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3).

#### d.2.3. A Obra da Providência Pertence ao Espírito

Tratando da majestade criadora e governadora de Deus. o profeta Isaías afirma a participação do Espírito de Deus, fazendo as seguintes perguntas:

Is 40.13, 14- "Quem guiou o Espírito do Senhor? Ou, como seu conselheiro, o ensinou?

Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho do entendimento?"

Todos os propósitos sábios que governam o mundo são atribuídos também ao Espírito de Deus. As opera ad extra são indivisíveis, pertencendo às três pessoas da Trindade.

#### d.3. A Obra da Redenção

Todas as três pessoas da Trindade estão envolvidas nas obras da graça, que se evidenciam no preparo das Escrituras para o anúncio da redenção em todas as épocas, bem como na economia da salvação e na ressurreição de Jesus Cristo, que tem a ver com a consumação da sua obra redentora.

##### d.3.1. Na Inspiração das Escrituras

A revelação redentora de Deus foi registrada para que o pecador pudesse tomar conhecimento da redenção que há no Deus triúno. Portanto, a revelação da verdade de Deus e o seu registro, que tem a ver com a inspiração, é uma dádiva graciosa de Deus. Sem esse registro, as gerações nunca saberiam da história da redenção de Deus.

Esse registro inspirado é uma obra da qual novamente participam as três pessoas da Trindade. Paulo afirma categoricamente que "toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16), não se referindo unicamente ao Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade. Contudo, é comum atribuir-se, em teologia, essa obra da inspiração à terceira pessoa, porque Pedro diz que "homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21).

Por outro lado, podemos dizer que a mesma coisa aconteceu com os profetas, mas está escrito que Cristo estava falando neles. Veja o que o mesmo Pedro diz:

"Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente qual a ocasião

142

#### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam" (1Pe 1.10, 11).

É bem verdade que podemos dizer que esse "Espírito de Cristo" é o mesmo que o Espírito Santo, se considerarmos que o Espírito também procede do Filho.

Mesmo considerando que a obra da inspiração seja mais própria da terceira pessoa da Trindade, não devemos pensar que é exclusiva da mesma. Um texto de 2 Samuel mostra que a Trindade toda está envolvida nessa tarefa. O texto diz:

2Sm 23.2-4 - "O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua. Disse o Deus de Israel, a Rocha de Israel a mim me falou:

Aquele que domina com justiça sobre os homens. que domina no temor de Deus, é como a luz da manhã, quando sai o sol, como manhã sem nuvens, cujo esplendor, depois da chuva, faz brotar da terra a erva."

O texto menciona primeiro "o Espírito do Senhor" que fala pela agência do profeta (v. 2), que é a terceira pessoa da Trindade. Depois o texto menciona que "o Deus de Israel me disse" (v. 3). Obviamente, o Deus de Israel é o Pai de Jesus Cristo, segundo o ensino geral das Escrituras. Ao mesmo tempo fala que esse Deus é a "Rocha de Israel", que fala daquele que domina com justiça sobre os homens, que domina no temor de Deus" (v. 3), parecendo ser uma referência clara ao Filho de Deus ainda não-encarnado que reinava na vida dos profetas e dos homens em geral. O Filho é entendido nas Escrituras como aquele que domina e a Rocha de Israel, que fala aos profetas.

Essas Escrituras, inspiradas pelo Deus triuno, são o resultado da "aliança eterna, em tudo bem definida e segura" (v. 4; ver Ag 2.4, 5), que foi feita entre o Deus triuno e o pecador eleito em Cristo Jesus.

Portanto, é prudente tratar da revelação e da inspiração como algo provindo da Trindade, e não como uma obra exclusiva do Espírito Santo.

#### d.3.2. Na Economia da Salvação

As três pessoas da Trindade participam ativamente da salvação do pecador, exercendo três funções distintas. O texto de IPe 1.2 mostra o planejamento da salvação em termos da eleição em amor de Deus, o Pai; mostra a execução da salvação em termos da "aspersão do sangue" pelo Deus-encarnado, o Filho; e mostra a salvação em processo na vida do crente como a "santificação do Espírito Santo".

Essa mesma ideia aparece no texto de 2Ts 2.13, 14. O texto diz que nós, os amados de Deus, somos escolhidos desde o princípio para a salvação. Diz ainda

### i A TRIUNIDADE DE DEUS

143

que somos eleitos para a "santificação do Espírito" e para "alcançar a glória de nosso Senhor Jesus Cristo".

, Nenhum aspecto da salvação do pecador deve ser atribuído exclusivamente

,

~. a uma pessoa da Trindade, como se as outras não tivessem nada a ver com ela.

O

! texto de Efésios 1.1-14 mostra as mesmas ideias: Deus, o Pai de nosso Senhor  
1

Jesus Cristo, nos escolhendo (vv. 4, 5); fala do "Amado" de Deus, "no qual temos a redenção pelo seu sangue" (vv. 6, 7), e fala da obra do Espírito Santo que assegura a nossa redenção, sendo o selo e garantia de nossa salvação (vv. 13, 14).

Portanto, a administração da salvação do pecador é obra das três pessoas divinas, embora haja distinção naquilo que cada uma delas faz.

A doutrina da Trindade não é uma doutrina especulativa. Quando analisamos a redenção do pecador, é fácil perceber como as três pessoas estão ativas, tomando uma realidade a misteriosa e maravilhosa restauração do pecador! Este percebe, na sua miséria, que houve a necessidade de uma pessoa divina que resolveu salvá-lo, elegendo-o para a vida; também percebe que o Deus ofendido providenciou uma outra pessoa divina para satisfazer as suas exigências por causa das ofensas do pecador; percebe ainda que há a necessidade de uma terceira pessoa divina para santificar pessoalmente a sua vida, a fim de que possa desfrutar da redenção planejada pelo Pai e assegurada pelo Filho. Esta é a obra graciosa da Trindade que todo o pecador remido reconhece, após ser instruído nesse ensino pelas Santas Escrituras.

A Trindade toda está envolvida em todas as obras relativas à nossa criação, preservação e redenção. As observações das Escrituras e a experiência dos santos de Deus têm mostrado que as obras da Trindade são uma realidade incontestável!

### d.3.3. Na Ressurreição de Cristo

As três pessoas da Trindade participam do ato glorioso da ressurreição do Salvador Jesus Cristo.

### E. AS TRÊS PESSOAS ESTUDADAS SEPARADAMENTE 1. A PRIMEIRA PESSOA

Seria um pleonasmo teológico afirmar a divindade do Pai. A única coisa que caberia nesta parte do trabalho é afirmar que há somente um Deus, mas isto se pode afirmar sobre o Filho. Não se trata de pluralidade de deuses, mas de pluralidade de pessoas em um só Deus.

144

### o SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

#### a. A DIVINDADE DO PAI NO ANTIGO E NO Novo TESTAMENTO

Que o Pai é Deus está claramente evidente em cada verso das Santas Escrituras, a partir do seu primeiro verso: "No princípio criou Deus os céus e a terra". Também está evidente que, embora haja a Trindade, a divindade do Pai não é superior à do

Filho nem do Espírito Santo. Contudo, há uma certa subordinação funcional das duas outras pessoas a ele. Mas isso não o torna mais Deus que elas. É apenas uma questão do modus operandi da Trindade, como já foi visto.

## 2. A SEGUNDA PESSOA

### a. A DIVINDADE DE JESUS CRISTO AFIRMADA NO ANTIGO TESTAMENTO

Embora o Verbo viesse a tornar-se carne somente no período do Novo Testamento, há algumas profecias nas Escrituras do Antigo Testamento que apontam para a divindade do Messias que haveria de vir. Os mais clássicos são os seguintes:

Is 9.6 - "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz."

Desde o começo do capítulo, o profeta Isaías, sob inspiração divina, está falando do nascimento do Messias que haveria de vir. Fala da terra que ficaria importante com a sua vinda (v. 1); fala da grande luz que o povo haveria de ter (v. 2); fala da alegria que esse povo haveria de experimentar (v. 3); fala da libertação do jugo humano (esta era a esperança judaica) (vv. 4, 5). Então há o anúncio do nascimento de uma criança que possui nomes próprios somente de alguém que é mais do que simplesmente um homem. Sem levar em conta a ordem que o texto apresenta, analisemos as expressões duplas desse verso:

Deus Forte - Inconfundivelmente, esse título lhe atribui plena divindade. E essa divindade vem adjetivada de "forte". Jesus Cristo é um Deus poderoso. Por essa razão, várias vezes no Novo Testamento Jesus Cristo é chamado de "Senhor", aquele que possui domínio absoluto sobre o universo.

Maravilhoso Conselheiro - Esse título divino que Jesus Cristo recebe no Antigo Testamento é comprovado de maneira extraordinária no Novo Testamento. Segundo o meu entendimento, esse título se refere à suprema tarefa que Jesus Cristo tem como pastor do seu povo. A tarefa de "Conselheiro" é eminentemente pastoral. O conselheiro é aquele que conforta, anima, encoraja as pessoas nas horas de tristeza, desânimo e fraqueza. E ele haveria de ser maravilhoso-

## A TRIUNIDADE DE DEUS

145

so na execução dessa tarefa. É por essa razão que o Novo Testamento fala de Cristo como o "Supremo Pastor" de nossas almas (I Pe 5.4; 2.25). Assim como seu Pai era o pastor maravilhoso do seu rebanho (Ez 34.15, 16), Deus, o Filho encarnado, haveria de exercer a mesma função de um modo profundamente maravilhoso.

Pai da Eternidade - Esse título pode ser traduzido como "Possuidor da Eternidade". Ele indica de modo eminente a divindade de Jesus Cristo. Somente alguém eterno pode trazer à existência coisas eternas. Com o seu Pai, ele é gerador das coisas eternas, como a vida e suas bem-aventuranças. Ele é o pai da redenção perpétua do seu povo.

Príncipe da Paz - Jesus viria para estabelecer a paz entre os homens. Os anjos anunciaram essa paz como produto da encarnação do Verbo (Lc 2. 11-14). Ele criou a paz entre judeus e gentios, que Paulo canta de maneira maravilhosa, derrubando o muro de separação que havia entre eles (Ef 2.14-16). Ele cria a paz entre os pecadores remidos e Deus (Rm 5.1). A tarefa de ser o Príncipe da Paz é divina porque somente Deus pode restaurar-nos ao seu favor e Cristo é o Deus encarnado para poder estabelecer essa paz entre o ofendido e os ofensores. É paz de Deus porque o próprio Deus tomou a iniciativa de criá-la. Como Cristo é o agente dessa paz, ele é chamado de o "Príncipe da Paz".

Pelo fato de ele ser Deus Forte e ter os outros três nomes acima analisados, ele pode perfeitamente fazer uma outra coisa própria da divindade: ter governo sobre o mundo. O texto diz que "o governo está sobre os seus ombros". Desde que veio ao mundo, ele tem esse governo nas mãos e o exercerá até que finalize toda a redenção da criação e dos homens, quando, então, devolverá o governo a Deus, o Pai (1 Co 15.24).

Mq 5.2 - "E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."

O primeiro ponto importante desse verso é o Messias, que João chama de Verbo encarnado, que está no seio do Pai, isto é, procede de Deus. O texto de Miquéias diz: " ... de ti (Belém) me (Deus, o Pai) sairá". Ele aponta, ao mesmo tempo, para a humanidade e a divindade do Redentor. Ele veio de Belém como havia vindo de Deus. O segundo ponto importante é a eternidade do Rei de Israel. Ao mesmo tempo que ele é temporal, pois nasceu em Belém (isso mostra a sua humanidade), ele é atemporal, eterno (o que aponta para a sua divindade). Não há como negar que o atributo "eternidade" aponta de maneira inequívoca para a sua divindade.

146

O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

b. A DIVINDADE DE JESUS CRISTO AFIRMADA NO NOVO TESTAMENTO



Há vários textos nas Escrituras do Novo Testamento que afirmam diretamente a divindade de Jesus Cristo. Faremos uma rápida análise de cada texto, a fim de que possamos explorar esse assunto tão determinante para a fé cristã.

Mt 1.23 - "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)."

Mateus está citando Isaías 7.14. O nome hebraico é composto de duas palavras, Immanu + El, que significam "o Deus que está conosco", e corresponde ao Verbo encarnado de João 1. No Antigo Testamento, o Emanuel é apontado como o libertador que traria libertação do período de trevas e de tribulação. Ele seria a inauguração do período messiânico tão ansiado pelos justos de Israel. No Novo Testamento, Mateus assinala a vinda de Jesus Cristo como o cumprimento dessa promessa messiânica. Jesus Cristo é Deus entre os homens.

Jo 1.1-3 - "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez."

Este é o texto mais clássico sobre a divindade do Redentor. João começa descrevendo quem é aquele que deveria se encarnar. Ele não era homem. Ele não somente era eterno, porque existia no princípio (palavra que em João designa o "tempo" antes da existência do mundo), mas também vivia com Deus. Todavia, o texto deixa claro que a existência não é tudo o que se pode dizer dele. Ele era o próprio Deus. Como pode viver com Deus e ser o próprio Deus? Dois deuses? Não. Aqui começa o claro raciocínio da coexistência e da subsistência de pessoas no mesmo Ser, o divino. O Verbo (que veio a encarnar-se) é Deus. A prova disso está no fato de ele fazer o que é próprio de Deus. Ele criou o universo e nada do que existe veio a existir sem ele. Portanto, esse texto é uma prova cabal da divindade daquele que é Redentor.

Jo 20.28 - "Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu."

Era a segunda vez que Jesus aparecia aos seus discípulos depois de ressuscitar. Tomé havia sido incrédulo quanto à ressurreição de Jesus (vv. 24, 25). Então, Jesus entra no aposento onde todos estão reunidos e vai logo dizendo a Tomé, desta vez presente na reunião: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (v. 27). Então, Tomé capitula diante das evidências e chama Jesus Cristo de

## A TRIUNIDADE DE DEUS

147

"Senhor meu e Deus meu". Se essa era a crença apostólica, tem que ser a nossa crença. Jesus Cristo é Deus!

Rm 9.5 - "deles (judeus) são os patriarcas e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém."

Neste texto, Paulo afirma as duas naturezas de Cristo: a sua humanidade está patente no fato de ele dizer: " ... também deles descende o Cristo, segundo a carne". Carne aqui é sinônimo de natureza humana. A humanidade de Cristo era aceita sem problemas porque os judeus sabiam de quem ele era filho, José e Maria. Todavia, Paulo vai mais longe, afirmando ser ele "Deus bendito para todo sempre", enfatizando assim a eternidade da Segunda Pessoa que se encarnou. Essa afirmação de Paulo jamais seria aceita pelos judeus ortodoxos, porque ela afirma claramente a divindade de Jesus Cristo. Contudo, agora Paulo escreve a judeus crentes que viviam em Roma e estavam altamente necessitados de noções soteriológicas. Não é de se estranhar que Paulo afirme claramente o argumento fundamental para se entender a salvação: Cristo é Deus!

Tt 2.13 - " ... aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo."

Paulo aponta para a grande esperança escatológica que é a vinda de Jesus Cristo, significando a redenção completa do povo de Deus. Ao apontar para essa vinda, ele chama Jesus Cristo de Salvador, e ele o chama de "nosso grande Deus".

2Pe 1.1 - "Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo." Este texto de Pedro é semelhante ao de Paulo, pois também chama Jesus Cristo de "nosso Deus e Salvador".

Hb 1.8 - "Mas, acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre."

Esta afirmação é espantosa porque é feita pelo próprio Pai, que é Deus. Este declarou em alto e bom som a divindade de seu Filho. Se há alguém que não erra na sua avaliação é Deus. No entanto, ele não titubeou em chamar seu Filho de "seu igual". Além disso, o próprio Pai ordenou aos seres celestiais que o adorassem (v. 6). Ora, se Deus, o Pai, a Primeira Pessoa da Trindade, testemunhou da divindade da Segunda Pessoa, quem somos nós para duvidar que o Redentor dos filhos dos homens não seja Deus?

!Jo 5.20- "Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento

148

## O SER DE DEUS E os Seus ATRIBUTOS

para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna."

A tese principal de João em suas cartas é mostrar o contraste entre o falso ensino e o verdadeiro. Jesus Cristo é o que unge os crentes com a verdade. A verdade do evangelho é a união dos crentes, e isto vem de Jesus, o Santo de Deus (IJo 2.18-29).

No verso acima, o Filho vem mostrar quem é o que fala a verdade, que é o seu Pai. Por isso, este é chamado de o Verdadeiro. Ao mesmo tempo, o verso fala que "estamos no verdadeiro" e o verdadeiro aqui também é o Filho. O que o Pai é, o Filho também o é. Porque ele é verdadeiro como o Pai, ele é reconhecido claramente por João como aquele que é Deus. Portanto, João diz: "Este (Jesus) é o verdadeiro Deus e a vida eterna." A divindade de Cristo sempre foi fundamental para o ensino correto dos apóstolos. Sem essa convicção, tudo o que Jesus Cristo fez e disse fica destituído de significado. Mas porque ele é igual ao seu Pai em essência, tudo o que seu Pai faz, ele faz; tudo o que seu Pai é, ele também é, exceto nas distinções pessoais, isto é, o Pai não pode ser o Filho e vice-versa.

e. EVIDÊNCIAS DA DIVINDADE DE] ESUS CRISTO c. I. Jesus Recebe Títulos Divinos

### c.1.1. Senhor

Is 40.3 - "Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus."

Neste texto, o Verbo que haveria de se encarnar na "plenitude dos tempos" é chamado de Senhor, e a palavra hebraica usada para "Senhor" é YHWH, a mesma que se usa para o Deus único dos hebreus. Na parte final do verso acima o paralelismo hebraico aparece, e novamente o Verbo a se encarnar é chamado de "nosso Deus". Todos sabemos que esse texto refere-se ao ministério de João Batista, que preparou o caminho para a entrada de Jesus Cristo no seu ministério público, como o próprio texto de Mateus 3.3 nos mostra.

### c.1.2. Alfa e Ômega

Essa expressão, que significa o princípio e o fim - um outro nome para eternidade-, é atribuída à divindade, mais especificamente ao Deus Pai. Apocalipse 21.5, 6 diz: "E aquele que está assentado no trono disse: ... Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede, darei de

## A TRIUNIDADE DE ÜEUS

149

graça da fonte da água da vida". Deve ser observado que "aquele que está assentado no trono" é Deus, o Pai. Ele disse de si próprio: eu sou o Alfa e o Ómega. A eternidade e a renovação de todas as coisas é atribuição exclusiva do "Eu Sou"; porém, como o Filho também é "Eu Sou", consubstancial com seu Pai, falou de si próprio duas vezes de maneira muito enfática: Ap 1.5-8; 22.12-13.

No primeiro texto, João fala que Jesus "nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai", e que ele "vem com as nuvens, e todo olho o verá ... " (Ap 1.5-7). Então, o próprio Jesus fala: "Eu sou o Alfa e o Ómega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso" (Ap. 1.8). Alguns podem pensar que se trata de Deus Pai, mas o texto elimina essa possibilidade, por duas razões: o contexto está falando totalmente de Jesus Cristo (vv. 5- 7); e o único que há de vir é o Filho encarnado glorificado. É extremamente significativo que esse que há de vir seja chamado de "Senhor Deus" e de "Todo-poderoso". O mesmo que o Pai diz de si, também diz o Filho.

O segundo texto está em Apocalipse 22.12, 13 - "Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim." Novamente é Jesus quem está falando, e neste verso o significado da expressão "Alfa e Ómega" é explicado de duas maneiras: Jesus Cristo, o Filho de Deus, sendo co-essencial com seu Pai, pode dizer o mesmo de si; ser o "Alfa e o Ómega" não é propriedade de uma subsistência pessoal, mas do Ser divino. Por isso, essa expressão denota a divindade de Jesus Cristo.

c. l. 3. Rei e Justo] uiz

Jr 23.5 - "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e justiça na terra."

A realeza é atributo divino que Cristo exerce com maestria, pois as Escrituras tanto do Antigo como do Novo Testamento canta o reinado do Messias. A realeza do Messias sempre foi tipificada no reinado de Davi. Aliás, Jesus é conhecido como Davi em virtude do seu caráter real, pois Davi era o símbolo da realeza em Israel. A grande diferença de Davi é que Jesus haveria de ser um Renovo justo que agiria com justiça na terra. Num governo teocrático, a tarefa de executar juízo era do rei. Ele possuía a palavra final. Portanto, Jesus Cristo não somente tem a palavra final sobre o destino dos homens, como também é justo em tudo que faz na terra. Por isso que no verso 6 ele é chamado de "Justiça Nossa".

150

## O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

### c.1.4. Soberano

Deus, o Pai, é chamado de "Soberano Senhor" em At 4.24 - "Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há." A palavra grega usada para soberano é /5Émrorn (déspota), isto é, aquele que possui autoridade absoluta. Todavia, ser soberano não é prerrogativa do Pai. O Filho encarnado também é chamado de déspota e kurios (Soberano e Senhor) em Judas 4. Logo, Jesus Cristo, como seu Pai, é o Soberano, ou seja, aquele que possui autoridade absoluta sobre o universo e tudo o que nele se contém. Isto mostra a sua co-essencialidade com seu Pai.

### c.2. Jesus Cristo Faz Coisas Próprias da Divindade

As afirmações de Jesus Cristo que mais provocaram a ira dos judeus foram aquelas relacionadas com a sua identidade com Deus. João 5 dá indicações bem claras da divindade de Jesus Cristo. Quando Jesus disse que Deus era o seu Pai (v. 17), João comenta a reação dos judeus: "Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era o seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus". Era nítida a afirmação de Jesus a respeito da sua própria divindade. Além disso, para aumentar a ira dos judeus, Jesus reivindicou fazer coisas próprias do Ser divino, dizendo:

Jo 5 .19 - " ... Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente ofaz."

Vejamos algumas coisas que Jesus Cristo faz que o tornam igual ao seu Pai, mostrando a sua divindade:

#### c.2. I. Ele Ressuscita Fisicamente

Jo 5.28, 29 - "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo."

Jesus ressuscitou pessoas no seu ministério terreno, como é o caso de Lázaro, do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, mas nestes versos Jesus fala a respeito do seu poder divino de fazer com que todos os homens, no último dia (Jo 6.40,44 ), ressuscitem para a vida ou para o juízo. Numa concessão especial, Deus chegou a

dar a homens (como Paulo e Pedro) a ocasião de ressuscitar mortos. Mas esta tarefa é prerrogativa de Deus, pois só pode ressuscitar aquele

## A TRIUNIDADE DE DEUS

151

que criou e que tem poder sobre a morte. Jesus tem esse poder, inclusive sobre a sua própria vida. Ele podia dar a sua vida e também podia reavê-la. Esse poder ele possuía da parte do seu Pai (Jo 10.18). Era uma propriedade eminentemente divina.

### c.2.2. Ele Ressuscita Espiritualmente

Jo 5.21 - "Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer."

Os versos 24 e 25 demonstram que essa ressurreição é espiritual, antes que física. Jesus Cristo tem o poder de conceder a vida eterna (que é o sentido de ressuscitar ou vivificar), ou seja, a comunhão imperdível. Ele já havia dito: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância". Jesus Cristo é vida ou tem vida em si mesmo (Jo 5.26). Por essa razão, ele pode conceder aquilo que lhe é próprio. O texto acima diz que Cristo não somente concede vida, mas que ele também possui o poder soberano de conceder vida eterna a quem quer. Não é uma questão de direito a receber vida, mas uma questão de soberania divina de conceder vida. A ressurreição espiritual é prerrogativa de Jesus Cristo.

### c.2.3. Ele Exerce a Função de Juiz

Jo 5.22 - "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento." Verifique também os versos 27 e 30. Estamos tão acostumados com a ideia de Jesus como salvador que nos é estranha a ideia de Jesus como juiz. Para algumas pessoas parece que o amoroso redentor não combina com a ideia de um juiz severo. Todavia, as Escrituras afirmam em vários lugares" que, em virtude de sua divindade, Jesus tem a prerrogativa de ser juiz de todos os homens. O juízo é uma atribuição divina (Hb 12.23; Tg 4.12); porém, como Cristo é divino, se diz que ele julga o mundo e os seus habitantes. Tiago 4.12 diz que "um só é Legislador e Juiz", e não dois. Daí podemos inferir que Tiago está falando não de uma só pessoa da Trindade, mas de um só ser, o Divino. Logo, se Cristo é divino, e ele o é, ele pode julgar.

### c.2.4. Ele É o Criador do Universo

Hb 1.10- " ... No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos."

1 • Mos 10 42, 2 Timóteo 4 s, Judas 14. 15

152

### O SER DE DEUS E os SEUS Atributos

Citando o Salmo 102.25, o escritor da Carta aos Hebreus está falando nesse capítulo a respeito da superioridade de Jesus Cristo, contrastando-a com a inferioridade dos anjos. Pois de Jesus Cristo o autor diz: "Lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos". É próprio somente da divindade fazer com que do nada todas as coisas venham a existir.

#### c.2.5. Ele Perdoa Pecados

Perdoar pecados pertence unicamente a Deus, que é o ofendido pelos homens. É prerrogativa de Deus perdoar pecados. No entanto, Jesus reivindicou para si essa atribuição. Certa feita Jesus foi tremendamente criticado por seus inimigos como blasfemo, pelo fato de ter dito que perdoava os pecados de um paralítico. Depois da crítica, ele disse: "Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados - disse então ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa" (Mt 9.6). Jesus não somente perdoou pecados, mas miraculosamente levantou o paralítico. Essas coisas são próprias da divindade.

#### c.2.6. Ele Reina sobre o Universo

Esta é uma prerrogativa divina. As Escrituras estão repletas de afirmações de que o Senhor reina e está revestido de majestade (por exemplo, o Salmo 93). Ninguém reina no universo senão o verdadeiro Deus. Todavia, afirma-se que Jesus Cristo é o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" para sempre (2Pe 1. 11; 1 Co 15.25), e que esse reino tem duração eterna (Ap 11. 15). Logo, se as Escrituras dizem que Jesus Cristo reina, essa é uma evidência muitíssimo clara de sua divindade.

O texto de 2Pe 1.11 diz explicitamente que esse reino eterno é do "Senhor e Salvador Jesus Cristo". Não é reino de qualquer um, mas do Senhor que é salvador.

#### c.3. Jesus Recebe Adoração Divina

Os apóstolos, com toda a honra que possuíam, rejeitaram a adoração dos homens. É o caso de Pedro quando foi adorado por Cornélio (At 10.25, 26). Assim também fizeram os anjos (Ap 22.8, 9). Todavia, Jesus Cristo várias vezes aceitou sem pestanejar a adoração tanto de homens (como veremos abaixo) como de anjos (Hb 1.6), porque ele não somente tinha consciência da sua humanidade, mas também da sua divindade. Ele recebeu adoração quando ainda era criança nos braços de sua mãe (Mt 2.11 ); quando estava para curar um leproso (Mt 8.2); quando estava para curar a filha de um chefe (Mt 9.18); quando andou sobre as águas e salvou Pedro (Mt 14.33). Muitas outras vezes Jesus Cristo recebeu o que é pró-

## A TRIUNIDADE DE DEUS

153

prio de Deus - adoração. Se Jesus Cristo fosse somente homem, ele não poderia receber adoração; mas ele era também perfeitamente Deus. Por isso foi adorado.

Um texto claro está em Apocalipse 5.8-14, onde todos os seres racionais lhe prestaram adoração. Nos versos 8 e 9, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos entoavam a Jesus Cristo o seguinte cântico: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação". Nos versos 11 e 12, os seres angelicais, assim como os seres viventes e os anciãos, somando bilhões de criaturas, diziam em grande voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor". Nos versos 13 e 14, todas as criaturas do universo proclamam a glória do Cordeiro num cântico de adoração que é também dirigido a Deus Pai: "Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos". Jesus Cristo compartilha com seu Pai da adoração de todas as criaturas, remidas ou não. No final de tudo, todos haverão de dobrar os joelhos (sinal de adoração) diante de Jesus Cristo e confessar que ele é Senhor para a glória de Deus Pai (Fp 2.11 ).

A adoração é prestada exclusivamente à divindade e, como Jesus é plenamente Deus, ele podia receber a adoração daqueles que tinham a mesma natureza humana que ele.

### c.4. Jesus Recebeu Orações dos Homens

Considerando que Jesus Cristo é Deus, como já temos visto, seria fácil entender que todas as petições que os homens lhe fizeram enquanto ele estava neste mundo eram verdadeiras orações. Contudo, alguém poderia objetar que não seriam orações porque eram conversas com alguém que estava fisicamente presente. Levemos em consideração essa objeção, ainda que tenhamos a convicção de que aqueles pedidos foram verdadeiras orações.

Vejam apenas três exemplos de orações que foram feitas ao Senhor glorificado, de quem os cristãos dependiam em todas as coisas.

O primeiro exemplo está na oração de Estêvão. Enquanto recebia o impacto das pedras que se lhe atiravam, ele olhou para o céu e viu a glória de Deus Pai e Jesus assentado à sua direita. Então, fez a seguinte oração: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7.60). A prerrogativa de receber o espírito de alguém que morre é



divina. Na cruz, Jesus fez uma oração semelhante, quando disse a Deus, seu Pai: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Tanto no caso de Estêvão como do Servo sofredor, foi uma perfeita oração. O que nos interessa aqui é que Jesus foi objeto dessa oração no caso de Estêvão. Isso mostra a sua divindade.

154

### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

O segundo exemplo está no tríplice pedido de Paulo em 2 Coríntios 12 para que lhe fosse tirado o "espinho da carne". É interessante observar que ele orou ao "Senhor", que nada mais é que Jesus Cristo. A prova disso é que Jesus lhe disse: "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (v. 9a). Como podemos saber que "Senhor" se refere a Jesus Cristo? Os versos 9b e 10 dizem: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte". Cristo é quem o fortalecia e era prerrogativa de Cristo ouvir as orações de Paulo porque ele era o Deus encarnado, que apareceu a Paulo e agora era objeto das suas orações.

O terceiro exemplo está no ensino de Paulo a respeito da salvação dos pecadores, em Romanos 10. No verso 13, ele diz: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". No verso 9 ele já havia dito: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo". Deve ser observado que a expressão "invocar o nome do Senhor" denota uma oração, e que essa oração deve ser dirigida ao Senhor Jesus, o que indica mais uma vez a divindade do Redentor, a quem podemos nos dirigir, embora esse não tenha sido o modelo que ele nos ensinou para quando orássemos. De qualquer forma, as orações que lhe foram feitas atestam a sua divindade.

## 3. A TERCEIRA PESSOA

### a. A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

Antes de tratarmos da divindade do Espírito, é necessário que falemos um pouco do Espírito como uma pessoa, possuindo os atributos próprios de uma pessoa. A grande dificuldade histórica foi que muitos estudiosos sempre viram no Espírito uma força ou energia usada por Deus para realizar os seus propósitos. O cristianismo ortodoxo tem reagido contra essa posição teológica enfatizando a personalidade do Espírito, para que o conceito da tripersonalidade da Trindade não seja prejudicado.

O Espírito exerce ministérios pessoais na vida dos seres humanos, seja na esfera da redenção ou não. Vejamos algumas coisas próprias de uma pessoa que o Espírito faz.

a. 1. Ele Convence Pessoas

Essa é uma atividade de uma pessoa, e não tarefa de urna força, energia ou

## A TRIUNIDADE DE ÜEUS

155

poder. As Escrituras dizem que o Espírito convence os pecadores "do pecado, da justiça e do juízo" (Jo 16.8-11). O convencimento implica não simplesmente argumentos que trabalham com a razão, mas também uma atividade interior que mostra às pessoas o que elas fizeram ou precisam fazer.

a.2. Ele Guia Pessoas à Verdade

Essa não é tarefa de uma energia, mas dirigir para a verdade é uma tarefa de uma personalidade trabalhando com outra. Jesus disse aos seus discípulos que o •• Espírito Santo vos guiará a toda verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir" (Jo 16.13). Perceba que essa orientação para a verdade pressupõe ouvir da verdade, falar da verdade e anunciar eventos que ainda estavam por vir. Só um ser pessoal pode falar a outro ser pessoal. Isto o Espírito faz.

a.3. Ele Consola Pessoas

Ele é chamado de Consolador em vários lugares das Escrituras (Jo 14.16; 15.26; 16.7). Essa é a sua função básica estando Jesus ausente dos seus discípulos. Estes precisavam de encorajamento para enfrentar as perseguições que estavam por vir. Jesus não os deixou sós, mas prometeu uma pessoa que os havia de consolar. Essa tarefa coube ao Espírito Santo. E a tarefa de consolar é exclusiva de um ser pessoal. Portanto, uma vez mais o Espírito, de acordo com as Escrituras, é uma das pessoas que subsistem no ser divino.

a.4. Ele Tem Sentimentos

As Escrituras dizem que quando pecamos trazemos sentimentos de tristeza a Deus, o Espírito. Por essa razão, Paulo nos exorta: "E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). Ele é a pessoa que vive em nós e, por causa de seu amor por nós, tem esse sentimento próprio de uma pessoa.

a.5. Ele Inspira Pessoas

Os livros das Escrituras foram todos inspirados por Deus, o Espírito. Os profetas, que escreveram a maior parte dos escritos do Antigo Testamento, falaram da parte de

Deus "movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21 ). Isto quer dizer que o Espírito divino trabalhou no espírito dos homens ( 1 Pe 1.11) para que eles não somente recebessem a mensagem e a transmitissem, mas também para que registrassem as verdades ouvidas. Essa é uma atividade eminentemente pessoal.

156

## O SER DE DEUS E os Svs ATRIBUTOS

### b. A DIVINDADE DO ESPÍRITO

O único texto das Escrituras que fala claramente da divindade do Espírito Santo é Atos 5.3, 4.

Esse texto mostra uma vez mais que o Espírito Santo é um ser pessoal, pois Ananias mentiu ao Espírito (v. 3). Nenhum ser pessoal (no caso Ananias) faz uma coisa dessa natureza a um objeto, força ou energia. Somente um outro ser pessoal pode receber e detectar uma mentira. Além de ser pessoal, o texto diz de maneira inequívoca que o Espírito Santo é Deus, pois foi dito a Ananias: "Como pois assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus" (v. 4). Mais adiante, no episódio da mulher de Ananias, novamente Pedro fala da mentira, com a qual ela foi conivente, dizendo: "Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor?" (v. 9), indicando a procedência divina do Espírito.

#### b.1. Evidências da Divindade do Espírito b.1.1. O Espírito Recebe um Nome Divino

O mesmo título divino, Senhor, que o Pai e o Filho recebem na Escritura, é também recebido pelo Espírito Santo. O texto das Escrituras diz assim:

2Co 3.17, 18 - "Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito"

É curioso que o texto diga ao mesmo tempo que o Espírito é do Senhor e que esse Senhor seja o Espírito. Certamente o texto fala do Espírito de Cristo, porque a imagem na qual estamos sendo transformados é a imagem de Cristo. Contudo, é o Espírito, que é Senhor, quem opera em nós essa transformação para que atinjamos a imagem de Cristo, o Senhor.

#### b.1.2. O Espírito Possui Atributos Divinos

O Espírito possui o atributo da onipresença

Sl 139.7, 8 - "Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também."

Embora estes versos não falem explicitamente da divindade do Espírito de Deus, podemos deduzir com muita facilidade que a terceira pessoa da Trindade possui atributos próprios da divindade. Nestes versos a atribuição do Espírito é

## A TRIUNIDADE DE DEUS

157

a sua onipresença. Este atributo não pertence à criatura nem a uma simples força ou energia, mas é próprio das pessoas da divindade.

O Espírito possui o atributo da onisciência

I Co 2.1 O. 11 - "Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as cousas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus."

Este texto de 1 Coríntios dá evidências claras de que só o igual pode conhecer o igual. Ninguém pode penetrar a essência divina. Em outras palavras, somente pode conhecer a Deus aquele que é igual a ele. É por isso que o Espírito Santo é chamado de Espírito de Deus. Além de ele penetrar as profundezas de Deus, o que é próprio somente de Deus, ele perscruta todas as coisas. Essa é uma outra maneira de falar do conhecimento perfeito que o Espírito possui de todas as coisas, ou seja, a onisciência.

### b.1.3. O Espírito Faz Coisas Próprias da Divindade

Ele comunica vida aos pecadores

Jo 3.5, 6 - " ... Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito."

Esta obra grandiosa de comunicar vida é uma atividade exclusiva da divindade. João fala em uma de suas cartas que aquele que é "nascido de Deus" não vive na prática do pecado (IJo 3.9). Ser nascido do Espírito é a mesma coisa que ser nascido de Deus. Portanto, a passagem acima é uma indicação clara de que o Espírito Santo é Deus.

Ele santifica a vida dos pecadores

O Espírito não somente é o doador da vida aos pecadores, mas ele trabalha nessas pessoas que agora estão vivificadas até que elas sejam completamente santificadas. É um processo que acontece na vida do pecador pela atuação do Ser divino. É um atributo divino santificar seres pecadores. É tarefa da divindade, mas cabe com mais particularidade à terceira pessoa da Trindade (!Pe 1.2). Ele é o Espírito santificador.

#### 4. IMPORTÂNCIA DA DOCTRINA DA TRINDADE

A doutrina da Trindade, que foi extremamente importante na história da

158

##### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

igreja, chegou a ser questionada em alguns círculos teológicos porque algumas pessoas acharam que ela não possuía qualquer relevância. No entanto, hoje em dia estão surgindo muitos livros sobre essa doutrina. Por que esse novo interesse pelo assunto? É ainda relevante sustentar a divindade do Filho e do Espírito? Obviamente que sim!

Se não damos a devida importância a essa doutrina, o assunto da expiação fica totalmente sem sentido. Se não há a Trindade, não há encarnação; e se não há encarnação do Verbo, a expiação torna-se apenas uma apresentação teatral mórbida sem qualquer significação para nós. Se foi apenas um homem que morreu na cruz em nosso lugar e em nosso favor, ainda estamos mortos em nossos pecados.

Se não dermos a devida importância a essa doutrina, o assunto da justificação pelo sangue de Cristo fica totalmente prejudicado. As nossas culpas continuariam conosco, porque um homem simplesmente não pode levar a culpa de homens, morrendo na cruz, sem condições de ressuscitar por seu próprio poder. Se não houvesse a Trindade, ainda estaríamos com a dívida por pagar. Poderíamos depender da obra de um homem para ter nossa dívida paga? Porque o Redentor é Deus-homem, podemos ter cancelada a nossa dívida.

Se não dermos a devida importância à doutrina da Trindade, o objeto de nossa fé, Jesus Cristo, é apenas um homem, nada mais. Somente a doutrina da Trindade é que faz com que vejamos em Cristo o Verbo encarnado.

Por essas razões, nós, os cristãos, devemos dar uma enorme importância à Trindade, porque ela está no coração da teologia cristã e no cerne da nossa redenção. Na história da igreja, homens e mulheres deram muita importância a essa matéria, porque dela dependem todos os outros elementos da nossa fé. Por essa razão, Herman Bavinck diz que "Atanásio entendeu melhor do que todos os seus contemporâneos que o cristianismo permanece ou cai com a confissão da divindade de Cristo e da Trindade".<sup>97</sup>

#### 5. APLICAÇÃO DA DOCTRINA

Na mente de algumas pessoas há um certo pessimismo quanto à aplicabilidade dessa doutrina. De que ela me serve? Quais são os efeitos práticos da doutrina da Trindade para nós? Em que implica para mim crer nessa doutrina tão difícil de ser

entendida logicamente? Quando alguém diz: "Essa doutrina não é prática", tal pessoa pode estar querendo dizer: "Ela não se encaixa bem nos '17 Bavinck. T/Je Doctrine o] Coei. 281.

## A TRIUNIDADE DE DEUS

159

meus gostos ou preferências". Especialmente nos tempos em que vivemos, as pessoas falam na praticidade de alguma coisa pensando na sua utilidade. Uma coisa não precisa ser útil para mim para ser prática. É bastante que ela seja verdadeira e real para que eu creia nela. E essa doutrina é fundamentalmente necessária para a vida do povo de Deus. Sem ela, tudo o que sabemos e recebemos de Deus não existiria.

O fato é que precisamos conhecer o que de Deus nos foi revelado. Não podemos pensar simplesmente em utilitarismo ou em pragmatismo. Deus não ensinou sobre si para que o usemos para os nossos propósitos ou para o nosso deleite. Deus deve ser crido da forma como ele se revela. A doutrina da Trindade é de extrema aplicabilidade porque sem ela não poderia haver a noção de salvação.

Se Deus não fosse triúno, o Pai não poderia enviar o seu Filho. Se alguém tivesse que morrer seria apenas homem e não Deus-homem. Se não houvesse o Filho para se encarnar, o nosso redentor seria apenas humano. Se fosse apenas humano, ele não poderia morrer pelos pecados de muitos. Seria apenas um homem substituindo um homem. Os demais seriam castigados pelos seus pecados.

Se Deus não fosse triúno, mandando o seu Filho para encarnar-se e morrer pelos pecados do seu povo, e ele tivesse que sacrificar um ser humano, ele faria injustiça fazendo com que outro pagasse pelos pecados de outros. No caso de Jesus Cristo, não foi um outro ser, mas o próprio Ser divino, na pessoa do Filho, que assumiu as nossas penas. Não foi uma injustiça, porque Deus tomou alguém que veio de si mesmo, para morrer pelos nossos pecados.

É porque Deus é triúno que ele pode realizar a nossa tão grande salvação.

Doutra sorte, estaríamos ainda mortos nos nossos delitos e pecados.

Se Deus não fosse triúno, ele não poderia ser pessoal. É bom lembrar que uma das características de um ser pessoal é ser relacionável. "A verdade, tanto a respeito de Deus como de nós próprios, é que nós existimos como pessoas em comunhão numa família comum, vivendo como pessoas da parte de outros e para outros, não como pessoas em isolamento ou separação ou autocentradas."<sup>98</sup> Ora, se Deus não é triúno e tripessoal, com quem ele se relacionava na eternidade, isto é, antes de ser

criado o universo? Mas porque ele é tripessoal, ele pode relacionar-se consigo mesmo. Ele nunca foi um Deus solitário, mas vivia em uma relação de amor interpessoal.

É exigência da natureza das pessoas que elas se relacionem. Foi por essa razão que Deus, quando fez Adão como pessoa, logo acrescentou: "Não é bom

" Catherine Mowry LaCugna, *God for Us: The Trinity and Christian Life* (São Francisco: HarperCollins, 1991 ), 383.

160

#### .O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2.18). Também nesse sentido refletimos a imagem de Deus. O casamento, que é uma instituição divina, tem como fundamento a ideia de um relacionamento complementar. Com base no relacionamento interpessoal da Trindade. assim as pessoas se relacionam na família. Grudem diz que "no relacionamento entre homem e mulher no casamento, vemos também uma figura do relacionamento entre o Pai e o Filho na Trindade".<sup>99</sup> Paulo diz: "Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo" ( 1 Co 11.3). A ideia de cabeça está presente nos três relacionamentos mencionados no texto. Portanto, assim como o homem tem uma relação de autoridade sobre a mulher no casamento, o Pai também a tem com relação ao seu Filho. No entendimento de Grudem, "o papel do marido é paralelo ao de Deus, o Pai, e o papel da esposa ao de Deus, o Filho".<sup>100</sup> Não obstante as funções diferentes do Pai e do Filho na economia da salvação, eles são essencialmente o mesmo Deus, possuindo a mesma natureza, a divina. Da mesma forma, homem e mulher, conquanto diferentes em funções, possuem a mesma humanidade e personalidade, relacionando-se em amor e respeito, do mesmo modo como acontece entre o Pai e o Filho.

<sup>99</sup>Grudem. *Systematic Theology*. 257. <sup>100</sup>Ibid.